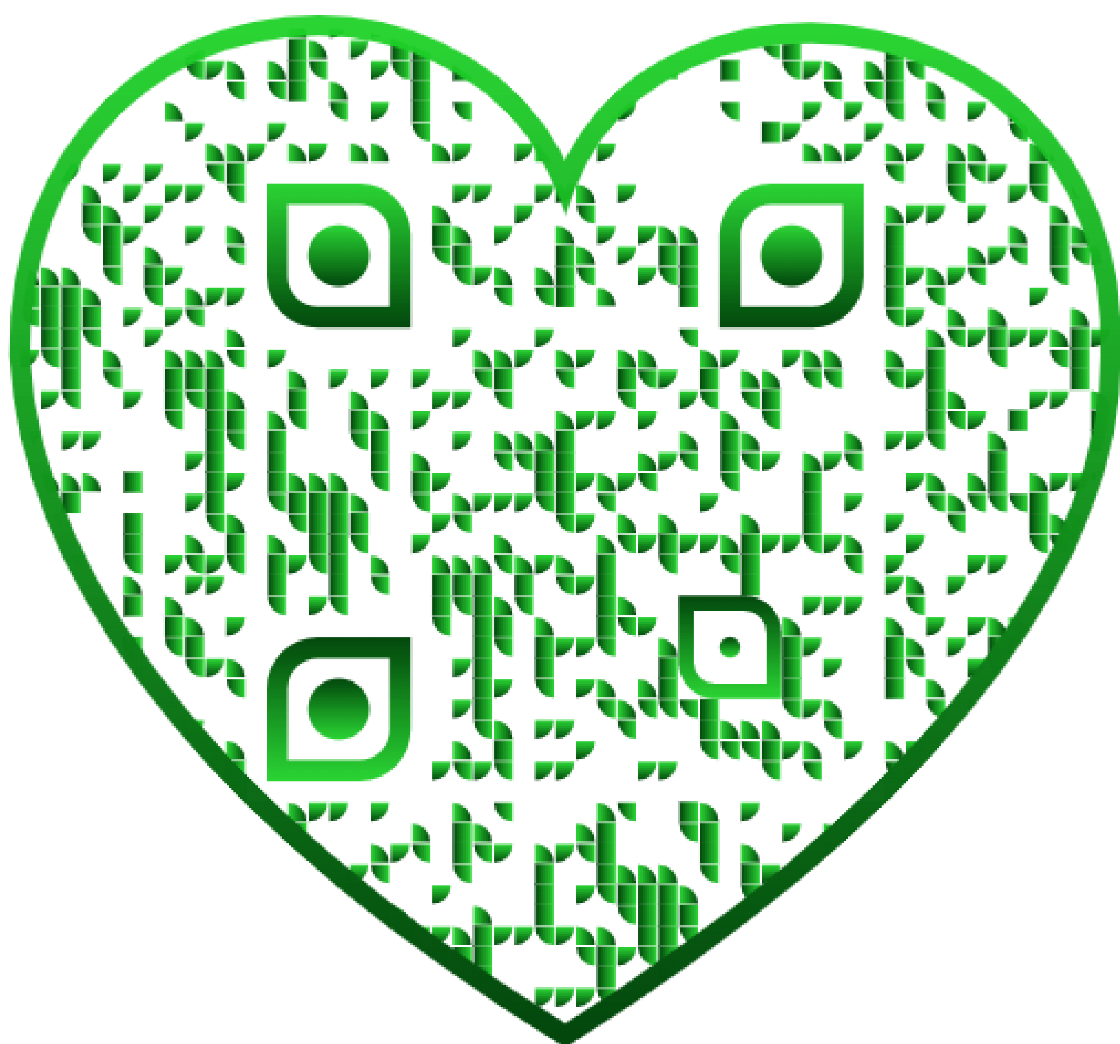
Arthur Schopenhauer

3 Ensaios:

O Vazio da Existência

O Sistema Cristão

Religião: um diálogo



O Vazio da Existência

Esse vazio encontra sua expressão em toda forma de existência, na infinitude do Tempo e Espaço em oposição à finitude do indivíduo em ambos; no fugaz presente como a única forma de existência real; na dependência e relatividade de todas coisas; em constantemente se Tornar sem Ser; em continuamente desejar sem ser satisfeito; na longa batalha que constitui a história da vida, onde todo esforço é contrariado por dificuldades, até que a vitória seja conquistada. O *Tempo* e a *transitoriedade* de todas as coisas são apenas a forma sob a qual o desejo de viver – que, como coisa-em-si, é imperecível – revelou ao Tempo a futilidade de seus esforços; é o agente pelo qual, a todo o momento, todas as coisas em nossas mãos tornam-se nada e, portanto, perdem todo seu verdadeiro valor.

O que *foi* não mais existe; existe exatamente tão pouco quanto aquilo que *nunca* foi. Mas tudo que existe, no próximo momento, já *foi*. Conseqüentemente, algo pertencente ao presente, independentemente de quão fútil possa ser, é superior a algo importante pertencente ao passado; isso porque o primeiro é uma *realidade*, e está para o último como algo está para nada.

Um homem, para seu assombro, repentinamente torna-se consciente de sua existência após um estado de não-existência de muitos milhares de anos; vive por um breve período e então, novamente, retorna a um estado de não-existência por um tempo igualmente longo. Isso não pode ser verdade, diz ao seu coração; e mesmo as mentes rudes, após ponderarem sobre o assunto, devem sentir algum tipo de pressentimento de que o Tempo é algo ideal em sua natureza. Essa idealidade do tempo, juntamente com a do espaço, é a chave para qualquer sistema metafísico verdadeiro, pois proporciona uma ordem de coisas distinta da que pode ser encontrada no domínio da natureza. Por essa razão Kant é tão grandioso.

De cada evento em nossa vida, é apenas por um momento que podemos dizer que este *é*; após isso devemos dizer para sempre que este *foi*. Cada noite nos empobrece, dia a dia. Provavelmente nos deixaria irritados ver este curto espaço de tempo esvaecendo, se não fôssemos secretamente conscientes, nas maiores profundezas de nosso ser, de que compartilhamos do inexaurível manancial da eternidade, e de que nele podemos sempre ter a vida renovada.

Reflexões com a natureza das acima podem, de fato, nos levar a estabelecer a crença de que gozar o presente e fazer disso o propósito da vida é a maior *sabedoria*; visto que somente o presente é real, todo o mais é representação do pensamento. Mas tal propósito poderia também ser denominado a maior *tolice*, pois aquilo que,

no próximo instante, não mais existe e desaparece completamente como um sonho, jamais poderá merecer um esforço sério.

Toda a nossa existência é fundamentada tão-somente no presente – no fugaz presente. Deste modo, tem de tomar a forma de um constante movimento, sem que jamais haja qualquer possibilidade de se encontrar o descanso pelo qual estamos sempre lutando. É o mesmo que um homem correndo ladeira abaixo: cairia se tentasse parar, e apenas continuando a correr consegue manter-se sobre suas pernas; como um pólo equilibrado na ponta do dedo, ou como um planeta, o qual cairia no sol se cessasse com seu percurso. Nossa existência é marcada pelo desassossego.

Num mundo como este, onde nada é estável e nada perdura, mas é arremessado em um incansável turbilhão de mudanças, onde tudo se apressa, voa, e mantém-se em equilíbrio avançando e movendo-se continuamente, como um acrobata em uma corda – em tal mundo, a felicidade é inconcebível. Como poderia haver onde, como Platão diz, *tornar-se continuamente e nunca ser* é a única forma de existência? Primeiramente, nenhum homem é feliz; luta sua vida toda em busca de uma felicidade imaginária, a qual raramente alcança, e, quando alcança, é apenas para sua desilusão; e, via de regra, no fim, é um náufrago, chegando ao porto com mastros e velas faltando. Então dá no mesmo se foi feliz ou infeliz, pois sua vida nunca foi mais que um presente sempre passageiro, que agora já acabou.

Ao mesmo tempo, é algo surpreendente que, tanto no mundo de seres humanos quanto no dos animais em geral, essa variada e incansável moção é produzida e mantida por meio de dois simples impulsos – fome e o instinto sexual, ajudados talvez por um pouco de tédio, mas nada mais –, e estes, no teatro da vida, têm o poder de constituir o *primum mobile* de uma maquinaria tão complexa, colocando em movimento cenas tão estranhas e variadas!

Analisando os pormenores, constatamos que a matéria inorgânica apresenta um constante conflito entre forças químicas, as quais por vezes promovem a dissolução; por outro lado, a existência orgânica somente é possível através de uma contínua substituição de matéria, e não pode subsistir se não dispuser de uma eterna ajuda exterior. Portanto a vida orgânica é como o balançar de um pólo na mão; deve ser mantida em constante movimento e ter constante suprimento de matéria – da qual necessita continuamente e eternamente. Apesar disso, é apenas através da vida orgânica que a consciência é possível.

Este é o reino da *existência finita*, e seu oposto seria uma *existência infinita*, a qual não está exposta a ataques externos nem precisa de ajuda exterior; [grego: aei hosautos on] o reino da paz eterna; [grego: oute gignomenon, oute apollymenon], sem mudanças, sem tempo, sem diversidade; o conhecimento negativo do que

constitui a nota fundamental da filosofia platônica. A renúncia da vontade de viver revela o caminho a um tipo de estado como esse.

As cenas de nossa vida são como imagens em um mosaico tosco; vistas de perto, não produzem efeitos – devem ser vistas à distância para ser possível discernir sua beleza. Assim, conquistar algo que desejamos significa descobrir quão vazio e inútil este algo é; estamos sempre vivendo na expectativa de coisas melhores, enquanto, ao mesmo tempo, comumente nos arrependemos e desejamos aquilo que pertence ao passado. Aceitamos o presente como algo que é apenas temporário e o consideramos como um meio para atingir nosso objetivo. Deste modo, se olharem para trás no fim de suas vidas, a maior parte das pessoas perceberá que viveram-nas *ad interim* [provisoriamente]: ficarão surpresas ao descobrir que aquilo que deixaram passar despercebido e sem proveito era precisamente sua vida – isto é, a vida na expectativa da qual passaram todo o seu tempo. Então se pode dizer que o homem, via de regra, é enganado pela esperança até dançar nos braços da morte!

Novamente, há a insaciabilidade de cada vontade individual; toda vez que é satisfeita um novo desejo é engendrado, e não há fim para seus desejos eternamente insaciáveis.

Isso acontece porque a Vontade, tomada em si mesma, é a soberana de todos os mundos: como tudo lhe pertence, não se satisfaz com uma parcela de qualquer coisa, mas apenas como o todo, o qual, entretanto, é infinito. Devemos elevar nossa compaixão quando consideramos quão minúscula a Vontade – essa soberana do mundo – torna-se quando toma a forma de um indivíduo; normalmente apenas o que basta para manter o corpo. Por isso o homem é tão miserável.

Na presente época, que é intelectualmente impotente e notável por sua veneração daquilo que é ruim em todas formas – um estado de coisas que é bastante condizente com a palavra cunhada "Jetztzeit" (tempo presente), tão pretensiosa quanto é cacofônica – os panteístas atrevem-se a dizer que a vida é, como dizem, "um fim-em-si". Se nossa existência neste mundo fosse um fim-em-si, seria a mais absurda finalidade jamais determinada; mesmo nós próprios ou qualquer outro poderia tê-la imaginado.

A vida apresenta-se principalmente como uma tarefa, isto é, de subsistir *de gagner sa vie* [para ganhar a vida]. Se for cumprida, a vida torna-se um fardo, e então vem a segunda tarefa de fazer algo com aquilo que foi conquistado – a fim de espantar o tédio, que, como uma ave de rapina, paira sobre nós, pronto para atacar sempre que vê a vida livre da necessidade.

A primeira tarefa é conquistar algo; a segunda é banir o sentimento de que algo foi conquistado, do contrário torna-se um fardo.

Está suficientemente claro que a vida humana deve ser algum tipo de erro, com base no fato de que o homem é uma combinação de necessidades difíceis de satisfazer; ademais, se for satisfeito, tudo que obtém um estado de ausência de dor, no qual nada resta senão seu abandono ao tédio. Essa é uma prova precisa de que a existência em si mesma não tem valor, visto que o tédio é meramente o sentimento do vazio da existência. Se, por exemplo, a vida – o desejo pelo qual se constitui nosso ser – possuísse qualquer valor real e positivo, o tédio não existiria: a própria existência em si nos satisfaria, e não desejaríamos nada. Mas nossa existência não é uma coisa agradável a não ser que estejamos em busca de algo; então a distância e os obstáculos a serem superados representam nossa meta como algo que nos satisfará – uma ilusão que desvanece assim que o objetivo é atingido; ou quando estamos engajados em algo que é de natureza puramente intelectual – quando nos distanciamos do mundo a fim de podermos observá-lo pelo lado de fora, como espectadores de um teatro. Mesmo o prazer sensual em si não significa nada além de um esforço contínuo, o qual cessa tão logo quanto seu objetivo é alcançado. Sempre que não estivermos ocupados em algum desses modos, mas jogados na existência em si, nos confrontamos com seu vazio e futilidade; e isso é o que denominamos tédio. O inato e inextirpável anseio pelo que é incomum demonstra quão gratos somos pela interrupção do tedioso curso natural das coisas. Mesmo a pompa e o esplendor dos ricos em seus castelos imponentes, no fundo, não passam de uma tentativa fútil de escapar da essência existencial, a *miséria*.

O fato de que a mais perfeita manifestação da *vontade de viver* – o organismo humano, com a sua sutil e complexa maquinaria – deve decair e finalmente render todos os seus esforços à extinção – esse é o simples meio pelo qual a Natureza, invariavelmente verdadeira e sincera, declara todo o esforço da vontade, em sua própria essência, como estéril e inútil. Se tivesse algum valor em si, algo incondicionado e absoluto, seu fim não seria a inexistência. Esta é a nota dominante da bela música de Goethe:

No alto da velha torre

Fica o herói de mente nobre.

[Hoch auf dem alten Thurme steht

Des Helden edler Geist.]

O homem é apenas um fenômeno, não a coisa-em-si – digo: o homem não é [grego: ontos on]; isso se comprova pelo fato de que *a morte é uma necessidade*.

E quão diferente o começo de nossas vidas é do seu fim! O primeiro é feito de ilusões de esperança e divertimento sensual, enquanto o último é perseguido pela decadência corporal e odor de morte.

O caminho que divide ambas, no que concerne nosso bem-estar e deleite da vida, é a bancarrota; os sonhos da infância, os prazeres da juventude, os problemas da meia-idade, a enfermidade e miséria freqüente da velhice, as agonias de nossa última enfermidade e, finalmente, a luta com a morte – tudo isso não faz parecer que a existência é um erro cujas conseqüências estão se tornando gradualmente mais e mais óbvias?

Seria sábio considerar a vida como um *desengaño*, uma ilusão; que tudo está organizado nesse sentido: isso está suficientemente claro.

É apenas no microscópio que nossa vida parece grandiosa. É um ponto indivisível, captado e ampliado pelas poderosas lentes do Tempo e do Espaço.

Tempo é um elemento em nosso cérebro que, por meio da duração, cria uma semelhança de realidade na *existência absolutamente vazia* das coisas e de nós mesmos.

Quanta tolice há no homem que se arrepende e lamenta por não ter aproveitado oportunidades passadas, as quais poderiam ter-lhe assegurado esta ou aquela felicidade ou prazer! O que resta desses agora? Apenas o fantasma de uma lembrança! E é o mesmo com tudo aquilo que faz parte de nossa sorte. De modo que a *forma do tempo*, em si, e tudo quanto é baseado nisso, é um modo claro de provar a nós a vacuidade de todos deleites terrenos.

Nossa existência, assim como a de todos animais, não é duradoura, mas apenas temporária, meramente uma *existentia fluxa*, que pode ser comparada a um moinho no qual há constante mudança.

É verdade que a *forma* do corpo dura por um tempo, mas apenas sob a condição de que a matéria esteja sempre mudando, de que a velha matéria seja descartava e uma nova seja incorporada. É o principal empenho de todas as formas viventes assegurar um constante suprimento de matéria aproveitável. Ao mesmo tempo, estão conscientes de que sua existência é modelada de modo a durar apenas um período de tempo, como foi dito. Por essa razão tentam, quando estão abandonando a vida, deixá-la para outrem que tomará seu lugar. Essa tentativa toma a forma do instinto sexual em autoconsciência, e na consciência de outras coisas apresenta-se objetivamente – isto é, na forma do instinto genital. Esse instinto pode ser comparado ao enfileiramento de uma corrente de pérolas; um indivíduo sucedendo o outro tão rapidamente como as pérolas na corrente. Se nós, em

imaginação, acelerarmos essa sucessão, veremos que a matéria está mudando constantemente em toda a fileira assim como está mudando em cada pérola, enquanto retém a mesma forma: percebemos então que temos apenas uma quasi-existência. Que são somente as Idéias que existem e criaturas-sombra daquilo que lhes corresponde – isso é a base dos ensinamentos de Platão.

A idéia de que não somos nada senão um *fenômeno*, em oposição à coisa-em-si, é confirmada, exemplificada e clarificada pelo fato de que a *conditio sine qua non* de nossa existência é um contínuo fluxo de descarto e aquisição de matéria que, como nutrição, é uma constante necessidade. De modo que nos assemelhamos a fenômenos como fumaça, fogo ou um jato de água, todos os quais desvanecem ou cessam diretamente se não houver suprimento de matéria. Pode ser dito, então, que a *vontade de viver* apresenta-se na forma de um *fenômeno puro* que termina *em nada*. Esse nada, entretanto, juntamente com o fenômeno, permanece dentro do limite da *vontade de viver* e são baseados nesse. Admito que isso é um pouco obscuro.

Se tentarmos obter uma perspectiva geral da humanidade num relance, constataremos que em todo lugar há uma constante e grandiosa luta pela vida e existência; que as forças mentais e físicas são exploradas ao limite; que há ameaças, perigos e aflições de todo gênero.

Considerando o preço pago por isto tudo – existência e a própria vida –, veremos que houve um intervalo quando a existência era livre de sofrimento, um intervalo que, entretanto, foi imediatamente sucedido pelo tédio, o qual, por sua vez, foi rapidamente sucedido por novos anseios.

O tédio ser imediatamente sucedido por novos anseios é um fato também verdadeiro à mais sábia ordem de animais, pois a vida *não tem valor verdadeiro e genuíno* em si mesma, mas é mantida em movimento por meio de meras necessidades e ilusões. Tão logo quanto não houver necessidades e ilusões tornamo-nos conscientes da absoluta futilidade e vacuidade da existência.

Se deixarmos de contemplar o curso mundo como um todo e, em particular, a efêmera e cômica existência de homens enquanto sucedem um ao outro rapidamente para observar a vida em seus *pequenos detalhes*: quão ridícula é a visão!

Impressiona-nos do mesmo modo como uma gota d'água, uma simples gota fervilhando de *infusoria*, é vista por um microscópio, ou um pedaço de queijo cheio de carunchos invisíveis a olho nu. Sua atividade e luta uns contra os outros em um espaço tão pequeno nos entretém grandemente. Acontece o mesmo no pequeno lapso da vida – uma grande e séria atividade produz um efeito irrisório.

Nenhum homem jamais se sentiu perfeitamente feliz no presente; se acontecesse, isso o envenenaria.

Nota do tradutor

A presente tradução de *O Vazio da Existência* de Arthur Schopenhauer teve como fonte *Essays of Schopenhauer; translation of selections from Parerga und Paralipomena* por Rudolf Dircks. Seu objetivo não consiste em proporcionar uma tradução técnica, mas informal, num esforço de popularizar escritos intelectualmente edificantes na língua portuguesa.

O Sistema Cristão

Escrito em 1851

Quando a Igreja diz que, no que concerne os dogmas da religião, a razão é totalmente incompetente e cega, e seu uso deve ser repreendido, isso está na realidade atestando o fato de que esses dogmas são alegóricos em sua natureza, e não devem ser julgados pelo padrão no qual somente a razão se adapta, tomando todas as coisas *sensu proprio*. Deste modo, os absurdos de um dogma são apenas uma marca, um sinal do que nele é alegórico e mitológico. No caso sob consideração, entretanto, os absurdos originaram-se do fato de que duas doutrinas tão heterogêneas como as do Velho e Novo Testamento tiveram de ser combinadas. A grande alegoria teve um crescimento gradual. Sugerida por circunstâncias externas e casuais, desenvolveu-se pela interpretação sobre esta, uma interpretação taticamente relacionada com certas verdades profundas apenas parcialmente compreendidas. A alegoria foi finalmente completada por Santo Agostinho, que penetrou mais profundamente em seu significado, e assim foi capaz de concebê-la como um todo sistemático e resolver seus defeitos. Conseqüentemente, a doutrina agostiniana, confirmada por Lutero, é a forma completa do cristianismo; e os protestantes de hoje, que vêem a revelação *sensu proprio* e a confinam a um único indivíduo, estão equivocados ao olhar os rudimentos do cristianismo como sua mais perfeita expressão. Mas o lado ruim de todas religiões é que, em vez de poderem confessar sua natureza alegórica, têm de ocultá-la; por extensão, ostentam suas doutrinas com toda seriedade como verdadeiras *sensu proprio*, e como absurdos constituem uma parte essencial dessas doutrinas, tem-se o grande dano de uma fraude contínua. E, o que é pior, chega o dia em que não são mais verdadeiras *sensu proprio*, e então se chega ao seu fim; de forma que, neste particular, seria melhor admitir sua natureza alegórica de uma vez. Mas a grande dificuldade consiste em ensinar às massas que algo pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo. E como todas religiões são, em maior ou menor grau, dessa natureza, devemos reconhecer o fato de que a humanidade não é capaz de proceder sem uma certa quantidade de absurdo – que o absurdo é um elemento de sua existência, uma ilusão indispensável; como, de fato, outros aspectos de sua vida testificam. Afirmei que a combinação do Velho Testamento com o Novo Testamento deu luz a absurdidades. Entre os exemplos que ilustram meu ponto de vista, posso citar a doutrina cristã da predestinação e da graça, como formulada por Santo Agostinho e adotada deste por Lutero; de acordo com esta, um homem é dotado de graça e outro não. A graça, então, consiste de um privilégio recebido no nascimento e chega ao mundo em sua forma acabada; um privilégio também, numa questão de primeira importância. O que há de funesto e absurdo nessa doutrina pode ser rastreado à idéia contida no

Velho Testamento, de que o homem é a criação de uma vontade externa, a qual lhe convocou à existência a partir do nada. É bastante verdadeiro que a genuína excelência moral é de fato inata; mas o significado da doutrina cristã é expresso de um modo distinto – e mais racional – através da teoria da metempsicose*1, bem conhecida pelos brâmanes e dos budistas. De acordo com essa teoria, as qualidades que distinguem um homem de outro são recebidas no nascimento, isto é, são trazidas de outro mundo e uma vida anterior; essas qualidades não são um presente externo da graça, mas os frutos dos atos perpetrados nesse outro mundo. Mas o dogma da predestinação de Santo Agostinho está conectado com outro dogma, a saber, de que o grosso da humanidade está corrompido e destinado à danação eterna, de que muitos poucos serão considerados ordeiros e obterão a salvação, e isso apenas em conseqüência do dom da graça, e porque estavam predestinados à salvação; enquanto o resto será dominado pela perdição que mereceram, e posteriormente sofrerão a tormenta eterna no inferno. Visto em sua significação comum, o dogma é revoltante, pois se chega a isto: condena-se um homem, seja quem for, talvez sequer com vinte anos, a expiar seus erros, ou mesmo sua descrença, através de um sofrimento eterno; mais ainda, faz desta danação quase universal um efeito natural do pecado original, e portanto a conseqüência necessária da queda*2. Este resultado deve ter sido previsto por aquele que fez a humanidade, o qual, em primeiro lugar, não os fez melhores do que são e, em segundo lugar, fez-lhes uma armadilha na qual necessariamente sabia que iriam cair; pois fez o mundo todo e nada lhe é oculto. Então, de acordo com essa doutrina, Deus criou a partir do nada uma raça fraca e propensa ao pecado para bani-la ao tormento eterno. E, como última característica, ouvimos que este Deus, o qual prescreve tolerância e perdão a todo pecado, não exercita nada disso, mas faz exatamente o oposto; pois uma punição que não chega ao fim com todas as coisas – quando o mundo estiver terminado e seu papel cumprido – não pode ter como objetivo a melhora ou a deterioração e, portanto, trata-se de pura vingança. Assim, desse ponto de vista, toda a raça de fato está destinada à tortura e danação eternas, e criada expressamente para cumprir este fim, tendo como única exceção os poucos que são resgatados pela eleição da graça – por motivos que são de todos desconhecidos.

Colocando isso de lado, parece que nosso Sagrado Senhor criou o mundo em benefício do diabo! Teria sido tão melhor se não o tivesse criado absolutamente. Seria demais, todavia, para um dogma tomado *sensu proprio*. Mas o vejamos *sensu allegorico* e toda a questão torna-se passível de uma interpretação satisfatória. O que há de absurdo e revoltante neste dogma é, no principal, como disse, o simplório desenlace do teísmo judaico, com sua “criação a partir do nada” e sua tola e paradoxal negação da doutrina da metempsicose, a qual está envolvida nesta idéia, uma doutrina de que é natural, até um certo ponto auto-evidente e, exceto pelos judeus, aceita por quase toda a raça humana em todos os tempos. A fim de remover o enorme mal proveniente do dogma agostiniano e a fim de modificar sua natureza revoltante, o papa Gregório I, no século VI, muito prudentemente desenvolveu a

doutrina do *Purgatório*, a essência da qual já existia em Origen*3. A doutrina foi regularmente incorporada à fé da Igreja, de modo que a visão original foi muito modificada, e um certo substituto foi proporcionado à doutrina da metempsicose; pois tanto uma quando a outra admitem o processo da purificação. Com o mesmo intuito, a doutrina da "Restauração de todas as coisas" [grego: apokatastasis] foi estabelecida, de acordo com a qual, no último ato da Comédia Humana, os pecadores todos seriam restabelecidos *in integrum*. São apenas os protestantes, com sua crença obstinada na Bíblia, que não conseguem ser induzidos a abrir mão da punição eterna no inferno. Se alguém fosse rancoroso, poderia dizer "que isso lhes faça muito bem", mas é consolador pensar que não acreditam realmente na doutrina – deixam-na em paz, pensando em seus corações "não pode ser tão mau assim".

O caráter rígido e sistemático da mente de Santo Agostinho levou-o – em seu austero dogmatismo e sua resoluta definição de doutrinas apenas indicadas na Bíblia e, de fato, sobre fundamentos muito vagos – a apresentar perfis rígidos a essas doutrinas e colocar interpretações severas sobre o cristianismo: o resultado foi que sua visão nos ofende, e assim como em seu tempo o pelagianismo*4 surgiu para combatê-lo, em nossos dias o racionalismo faz o mesmo. Tome, por exemplo, o caso em que afirma genericamente no *De Civitate Dei*, livro XII, cap. 21. Resume-se a isto: Deus cria um ser a partir do nada, o proíbe de certas coisas e ordena-lhe outras; e porque esses comandos não são obedecidos, tortura esse ser por toda a eternidade com toda angústia concebível; e, para esse propósito, une corpo e alma inseparavelmente – de tal forma que o tormento não destrói este ser através de sua separação em seus elementos, libertando-o – para que este possa viver em eterna dor. Esta pobre criatura, feita a partir do nada! Ao menos possui uma reivindicação sobre seu nada original: deve ser assegurado, como questão de direito, desta última retirada, a qual, em todo caso, não pode ser muito má: foi aquilo que herdou. Não posso absolutamente deixar de me compadecer com este ser. Se adicionarmos a isso as doutrinas agostinianas restantes, de que tudo isso não depende dos próprios pecados e omissões do homem, pois já foi predestinado a acontecer, realmente não se sabe o que pensar. Nossos racionalistas altamente educados sem dúvida dizem "é tudo falso, é apenas um bicho-papão; estamos num estado de constante progresso, passo a passo elevando-nos em maior perfeição". Ah! Que pena não termos começado antes; já deveríamos estar lá.

No sistema cristão o diabo é um personagem da maior importância. Deus é descrito como absolutamente bom, sábio e poderoso; e, se não fosse contra-balanceado pelo diabo, seria impossível conceber de onde veio a inumerável e imensurável maldade que predomina neste mundo se não há um diabo para responsabilizar. E, desde que os racionalistas livraram-se do diabo, o dano infligido ao outro lado continua a crescer, e está tornando-se mais e mais palpável; como poderia ter sido previsto – e foi previsto – pelos ortodoxos. O fato é que não se pode remover um pilar de uma construção sem comprometer todo o seu resto. E isso

confirma a visão – a qual foi estabelecida em outros fundamentos – de que Jeová é uma transformação de Ormuzd, e Satã de Ahriman, o qual deve ser considerado vinculado ao primeiro. O próprio Ormuzd é uma transformação de Indra.

O cristianismo tem essa desvantagem peculiar de que, ao contrário de outras religiões, não é um sistema doutrinário puro: sua principal e essencial característica consiste em se tratar de uma história, uma série de eventos, uma coleção de fatos, um testemunho dos atos e das dores de indivíduos: é essa história que constitui o dogma, e a crença nesta a salvação. Outras religiões – por exemplo, o budismo – têm, é verdade, apêndices históricos, a saber, a vida de seus fundadores: isso, entretanto, não é uma parte, uma parcela do dogma, mas é incorporada juntamente. Por exemplo, o Lalita-Vistara pode ser comparado com o Evangelho, visto que contém a vida de Sakya-muni, o buda do período atual da história mundial: mas isso é algo bastante à parte e diferente do dogma, do sistema em si; e por esta razão: as vivências dos budas antigos foram substancialmente diferentes e as dos do futuro também serão diferentes das do buda de hoje. O dogma absolutamente não se confunde com a carreira de seu fundador; este não se sustenta em pessoas ou eventos individuais; é algo universal e igualmente válido em todos os tempos. O Lalita-Vistara não é, portanto, um evangelho no sentido cristão da palavra; não é a jubilosa mensagem de um ato de redenção; é a carreira daquele que demonstrou como cada qual pode redimir-se a si próprio. A constituição histórica do cristianismo faz os chineses rirem dos missionários enquanto contadores de histórias.

Posso mencionar aqui outro erro fundamental do cristianismo, um erro que não pode ser justificado, e cujas conseqüências nocivas são óbvias o tempo todo: refiro-me à inatural distinção que o cristianismo faz entre o mundo humano e animal – ao qual, de fato, pertence. Estabelece o homem como todo-importante e olha aos animais tão-somente como coisas. O bramanismo e o budismo, por outro lado, verdadeiros para com os fatos, reconhecem de um modo positivo que o homem está relacionado genericamente com toda a natureza, especialmente e principalmente com a natureza animal; e, em seus sistemas, o homem é sempre representado pela teoria da metempsicose ou, do contrário, como intimamente conectado com o mundo animal. O importante papel representado pelos animais através de todo o budismo e bramanismo, em comparação com seu completo desprezo no judaísmo e cristianismo, põe fim a qualquer dúvida a respeito de qual sistema está mais próximo da perfeição, apesar de na Europa termos nos tornado acostumados à absurdidade da alegação. O cristianismo contém, de fato, uma grande e essencial imperfeição em limitar seus princípios ao homem e em recusar direitos a todo o mundo animal. Como a religião falha em proteger os animais das multidões brutas, insensíveis e freqüentemente mais que bestiais, o dever recai sobre a lei; e como a lei é desigual nesta tarefa, formaram-se agora por toda a Europa e América sociedades pela proteção dos animais. Em toda a não-circuncidada Ásia, tal procedimento seria a coisa mais supérflua do mundo, pois animais são suficientemente protegidos pela

religião, que até os faz objetos de caridade. Um exemplo de como tais sentimentos de caridade se manifestam pode ser visto no grande hospital de animais em Surat, ao qual cristãos, maometanos e judeus podem enviar seus animais enfermos que, se curados, muito corretamente não são devolvidos aos seus donos. Do mesmo modo, quando um brâmane ou um budista tem boa sorte, um acontecimento feliz em qualquer questão, em vez de murmurar um *Te Deum**5, vai ao mercado, compra pássaros e abre as gaiolas nos portões da cidade; algo que pode ser visto freqüentemente em Astrachan, onde os adeptos de todas religiões se encontram: e assim por diante em centenas de outras maneiras. Por outro lado, veja-se o rufianismo revoltante com o qual nosso público cristão trata seus animais; matando-os sem nenhum motivo e rindo-se disso, ou os mutilando ou torturando; mesmo seus cavalos, que constituem os meios mais diretos para seu sustento, são exigidos ao máximo em idade avançada, e o último esforço é explorado de seus pobres ossos até que finalmente sucumbam sob o chicote. Alguém poderia afirmar, com razão, que a humanidade é o diabo da Terra, e os animais as almas que atormentam. Mas o que se poderia esperar das massas quando há homens educados, mesmo zoólogos que, em vez de admitir o que lhes é tão familiar, a essencial identidade entre o homem e o animal, são fanáticos e estúpidos o suficiente para oferecer uma diligente resistência aos seus colegas honestos e racionais quando classificam o homem corretamente como um animal ou demonstram a semelhança entre este e um chimpanzé ou orangotango. É algo revoltante que um escritor tão devoto e cristão em seus sentimentos como Jung Stilling use um paralelo como este, em seu *Scenen aus dem Geisterreich*. (livro II, p. 15) "Repentinamente o esqueleto enrugou-se numa forma indescritivelmente horrenda e acanhada, assim como quando se coloca uma grande aranha no foco de uma lamparina, e observa o sangue purulento assoviar e borbulhar no calor". Esse homem de Deus era, então, culpado de tal infâmia! Ou observou calmamente enquanto outro a cometia! Em ambos os casos, chega-se à mesma conclusão. Pensou-o um mal tão pequeno que o mencionou de passagem, e sem um traço de emoção. Tais são os efeitos do primeiro livro de Gênesis e, de fato, de toda a concepção judaica de natureza. O padrão reconhecido pelos hindus e budistas é o Mahavakya (o grande verbo) – "tat-twam-asi" (isto é a ti próprio), que pode sempre ser dito de qualquer animal para lembrar-nos da identidade de seu ser íntimo como o nosso. Perfeição moral, de fato! Absurdo.

As características fundamentais da religião judaica são o realismo e o otimismo, visões do mundo que estão intimamente relacionadas; constituem, de fato, as condições do teísmo. Pois o teísmo vê o mundo material como absolutamente real e considera esta vida como uma agradável bênção que nos foi concedida. Por outro lado, as características fundamentais das religiões brâmanes e budistas são o idealismo e o pessimismo, vendo a existência do mundo como com uma natureza onírica e a vida como resultado de nossos pecados. Nas doutrinas de Zend-Avesta – das quais, como se sabe, o judaísmo teve origem – o elemento pessimista é representado por Ahriman. No judaísmo, Ahriman tem, como Satã, apenas uma

posição subordinada; mas, como Ahriman, é o senhor das serpentes, dos escorpiões e da canalha. Mas o sistema judaico posteriormente utiliza Satã para corrigir o otimismo, seu erro fundamental, e na *Queda* introduz o elemento pessimista, uma doutrina exigida pelos fatos mais óbvios do mundo. Não há idéia mais verdadeira no judaísmo que essa, apesar de transferir ao curso da existência o que deveria ser representado como seu fundamento e antecessor.

No Novo Testamento, por outro lado, deve ser de algum modo possível remeter a origens indianas: seu sistema ético, sua visão ascética da moralidade, seu pessimismo e seu Avatar, são todos completamente indianos. É sua moralidade que o coloca em uma posição de tamanho enfático e essencial antagonismo com o Velho Testamento, de modo que a estória da Queda é o único ponto de conexão possível entre os dois. Pois quando a doutrina indiana foi importada à terra prometida, duas coisas muito diferentes tiveram de ser combinadas: por um lado, a consciência da corrupção e miséria do mundo, sua necessidade de redenção e salvação por meio de um Avatar, juntamente com uma moralidade baseada da autonegação e arrependimento; por outro lado, a doutrina judaica do monoteísmo, com seu corolário de que "todas as coisas são muito boas" [grego: panta kala lian]. E a tarefa foi empreendida tanto quanto possível, isto é, tanto quanto se pode combinar duas crenças de tal modo heterogêneas e antagônicas.

Como a hera agarra-se e se estabelece em um tronco, conformando-se em todos os lugares às irregularidades e revelando seu perfil, mas ao mesmo tempo cobrindo-o com vida e graça, transformando o antigo aspecto em algo agradável ao olhar; assim a fé cristã, originada da sabedoria da Índia, transborda sobre o velho tronco do rude judaísmo, uma árvore de crescimento distinto; a forma original deve permanecer em parte, mas sofrendo uma completa mudança e tornando-se cheia de vida e verdade, de um modo que aparenta ser a mesma árvore, mas na realidade é outra.

O judaísmo apresentou o Criador separado do mundo, o qual produziu a partir do nada. O cristianismo identifica este Criador com o Salvador e, através deste, com a humanidade: figura como seu representante; são redimidos por meio dele, assim como caíram em Adão, e permaneceram desde então cativos da iniqüidade, corrupção, sofrimento e morte. Tal é a visão adotada pelo cristianismo em comum com o budismo; o mundo não pode mais ser visto à luz do otimismo judaico, que achava "todas coisas muito boas"; não, no esquema cristão, o diabo é nomeado como seu Príncipe ou Governante ([grego: ho archon tou kosmoutoutou] João 12, 33). O mundo não é mais um fim, mas um meio: o reino da felicidade eterna está além deste, além do túmulo. A resignação neste mundo e o direcionamento de todas as nossas esperanças a um melhor constituem o espírito do cristianismo. O caminho para este fim é aberto pelo Sacrifício, que é a Redenção deste mundo e seus meios. E no sistema moral, em vez da lei da vingança, há o comando de amar seu inimigo; em

vez da promessa de imensurável prosperidade, a garantia da vida eterna; em vez da visita dos pecados dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta gerações, o Espírito Santo governa e cobre todos.

Vemos, então, que as doutrinas do Velho Testamento são retificadas e têm seu significado alterado pelas do Novo, de modo que, nos assuntos mais importantes e essenciais, uma concordância é trazida entre estes e as antigas religiões da Índia. Tudo que é verdadeiro no cristianismo também pode ser encontrado no bramanismo e budismo. Mas no hinduísmo e budismo em vão se procuraria por um paralelo com as doutrinas judaicas de "um nada trazido à vida" ou de "um mundo feito no tempo" que não pode ser humilde o bastante em sua gratidão e louvores a Jeová por uma existência efêmera cheia de miséria, angústia e necessidades.

Qualquer indivíduo que seriamente pense que seres supra-humanos concederam à nossa raça informações quanto aos objetivos de sua existência e do mundo ainda está em sua infância. Não há outra revelação senão os pensamentos dos sábios – e mesmo esses pensamentos estão sujeitos a erros, como é sina de tudo que é humano –, que freqüentemente estão vestidos por estranhas alegorias e mitos sob o nome de religião. Assim, é indiferente se um homem vive e morre com a crença em seus próprios pensamentos ou em pensamentos alheios; pois nunca passa de um pensamento humano, de uma opinião humana, na qual confia. Ainda assim, em vez de confiar no que suas próprias mentes lhes dizem, os homens, via de regra, têm uma fraqueza para confiar naqueles que fingem ter fontes sobrenaturais de conhecimento. E, tendo em vista a enorme desigualdade intelectual entre os homens, é fácil perceber que os pensamentos de uma mente podem, num certo sentido, parecer uma revelação a outra.

Notas do tradutor:

A presente tradução de *O Sistema Cristão* de Arthur Schopenhauer teve como fonte *Religion: a dialogue, and other essays; translation of selections from Parerga und Paralipomena* por T. Bailey Saunders. Seu objetivo não consiste em proporcionar uma tradução técnica, mas informal, num esforço de popularizar escritos intelectualmente edificantes na língua portuguesa.

1 – Doutrina segundo a qual uma mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos, homens, animais ou vegetais.

2 – Referência à "queda do homem" mencionada na Bíblia, retratada na parábola da desobediência de Adão e Eva.

3 – Origen – 185 - 254? – acreditava que o inferno era as chamas do julgamento através das quais todos precisam passar. Os ordeiros passariam em um instante e chegariam ao paraíso em oito dias após o julgamento final. Os perversos permaneceriam no fogo por “um século de séculos”, um longo – mas não eterno – período de tempo. Eventualmente, todos escapariam das chamas do julgamento e atingiriam o céu. Apesar de sua visão do inferno ter sido rejeitada pelos que vieram depois dele, sua imaginação pode ter influenciado pensadores posteriores.

4 – A doutrina de Pelágio (séc. V), heresiarca inglês, a qual nega o pecado original e a corrupção da natureza humana e, conseqüentemente, a necessidade do batismo.

5 – Lat. *te*, ‘te’, ‘a ti’, + *Deum*, ‘Deus’; Subentende-se *laudamus*, ‘louvamos’. Cântico da Igreja católica, em ação de graças, que principia por essas palavras latinas; hino ambrosiano.

Religião: um diálogo

Demopheles. Entre nós, meu caro amigo, não me importa o modo como às vezes exibe seu talento para a filosofia, fazendo da religião o objeto de observações sarcásticas, e mesmo de franca ridiculização. Todos julgam sua religião sagrada, portanto deveria respeitá-la.

Philalethes. Isso não procede! Não vejo razão para nutrir qualquer consideração por um conjunto de mentiras somente porque outras pessoas são simplórias. Sou respeitoso à verdade em tudo, e deste modo não posso respeitar o que a esta se opõe. Minha máxima é *Vigeat veritas et pereat mundus* [que a verdade floresça, mesmo que o mundo pereça], como a *Fiat justitia et pereat mundus* [faça-se justiça, mesmo que o mundo pereça] dos advogados. Toda profissão deveria possuir um conselho análogo.

Demopheles. Então suponho que os médicos deveriam dizer *Fiant pilulae et pereat mundus* [faça-se a pílula, mesmo que o mundo pereça] – não haveria muita dificuldade nisso!

Philalethes. Pelos céus! Entenda as coisas *cum grano salis* [com um grão de sal (com bom senso e sabedoria)].

Demopheles. Exatamente; por isso quero que entenda a religião *cum grano salis*. Quero que perceba que se deve suprir as necessidades do povo de acordo com sua capacidade de compreensão. Onde há multidões de pessoas de suscetibilidades cruas e de inteligência rude, sórdidas em suas pretensões e mergulhadas em seus afazeres, a religião proporciona o único meio de proclamá-los e fazê-los se sentirem a quinta-essência da vida. Pois o homem médio interessa-se, primariamente, em nada além daquilo que satisfaz suas necessidades físicas e seus anseios; para além disso, conceda-lhe apenas um pouco de entretenimento e passatempo. Fundadores da religião e filósofos vêm ao mundo para despertá-los de seu estupor e apontar o grandioso sentido da existência; filósofos para os poucos, os emancipados; fundadores de religião para os muitos, para o grosso da humanidade. Como seu amigo Platão disse, a multidão não pode ser de filósofos – não deveria esquecer-se disso. Religião é a metafísica das massas; deixe que fiquem com isso: permita que esta comande o respeito externo, pois desacreditá-la equivale a extirpá-la. Assim como possuem poesia popular e a sabedoria popular dos provérbios, também precisam de uma metafísica popular: pois a humanidade absolutamente precisa de *uma interpretação da vida*; isso, igualmente, deve ser adequado à compreensão popular. Conseqüentemente, essa interpretação é sempre uma investidura alegórica

da verdade; e na vida prática e em seus efeitos sobre os sentimentos, isto é, como um plano de ação e como um conforto e consolo do sofrimento e da morte, esta realiza, talvez, tanto quanto a própria verdade realizaria se a possuíssemos. Não se ofenda por essa forma rude, grotesca e aparentemente absurda; pois, com sua educação e erudição, são inconcebíveis os rodeios que as pessoas em seu estado bruto perfazem para receber seu conhecimento das verdades profundas. As várias religiões são apenas as várias formas nas quais a verdade – que, tomada por si própria, está acima de sua compreensão – é apreendida e compreendida pelas massas; a verdade torna-se inseparável de tais formas. Deste modo, meu caro senhor, não me leve a mal se digo que escarnecer tais formas é baixo e injusto.

Philalethes. Mas não é precisamente tão baixo e injusto quanto exigir que não haja nenhum outro sistema metafísico além deste, forjado como é, para se adequar aos requisitos e à compreensão das massas? Que sua doutrina será o limite da especulação humana, a base de todo o pensamento, de modo que a metafísica dos poucos – dos emancipados, como os denomina –, deve ser devotada apenas à confirmação, ao fortalecimento e à explicação da metafísica das massas? Que os maiores poderes da inteligência humana permanecerão estagnados e subdesenvolvidos – e mesmo vetados de florescer – a fim de que sua atividade não atrapalhe a metafísica popular? E não é precisamente esta a exigência que a religião impõe? Não é um pouco demais que tolerância e paciência delicada sejam pregadas por algo que é intolerante e cruel em si? Pense nos tribunais inquisitórios, nas inquisições, nas guerras religiosas, nas cruzadas, na cicuta de Sócrates, na morte de Bruno e Vanini nas chamas! Por caso, hoje isso tudo são coisas do passado? Como pode o genuíno esforço filosófico, a sincera busca pela verdade – a mais nobre vocação do mais nobres homens – ser autorizado ou proibido completamente por nada mais que um sistema metafísico que goza de um estado de monopólio, cujos princípios são impressos em todas as mentes quando ainda muito jovens de um modo tão sincero, profundo e sólido que, caso a mente não seja milagrosamente flexível, permanecerá indelével. Nesta situação o fundamento de toda razão salutar encontra-se irreversivelmente deturpado; ou seja, a capacidade de pensamento original e julgamento imparcial, que é fraco o suficiente por si própria, está – em relação aos assuntos aos quais poderia se aplicar – definitivamente paralisada e danificada.

Demopheles. Isso significa, suponho, que as pessoas chegaram a uma convicção, e que não estão dispostas a abandoná-la para abraçar a sua.

Philaletes Ah! Se ao menos fosse uma convicção baseada no discernimento. Então alguém poderia apresentar argumentos para sustentá-la e a batalha seria travada com armas iguais. Mas as religiões assumidamente apelam, não à convicção resultante de argumentos, mas à crença como exigência da revelação. E como a capacidade de acreditar é mais aguçada na infância, toma-se um cuidado especial

para garantir esta puerilidade. Isso tem muito mais relação com o enraizamento das doutrinas de fé que com ameaças ou com relatos de milagres. Se, na infância, certos pontos de vista e doutrinas fundamentais são apresentadas com uma solenidade incomum e com um ar de seriedade nunca visto em outras coisas; se, juntamente, a possibilidade de dúvida sobre estes for completamente descartada – ou mencionada somente para indicar que a dúvida é o primeiro passo da perdição eterna –, a impressão resultante será tão profunda que, via de regra, isto é, em quase todos os casos, duvidar destes será praticamente tão improvável quanto duvidar da própria existência. Dificilmente um em dez mil terá força suficiente para perguntar a si próprio com seriedade e sinceridade – isso é verdadeiro? Denominar quem pode fazê-lo de grandes intelectos, *esprits forts* [espíritos fortes] é uma descrição mais adequada do que se imagina comumente. Mas, nas mentes comuns, nada é tão absurdo ou revoltante que, se inculcado adequadamente, a crença mais poderosa não consiga lançar suas raízes. Se, por exemplo, matar um herege ou um infiel fosse essencial à salvação futura da alma, quase todos fariam desse o evento principal de suas vidas, e em seu leito de morte destilariam consolo e força da lembrança de seu sucesso. De fato, quase todo espanhol, no passado, costumava ver um *auto da fe* como o mais pio de todos os atos e mais agradável a Deus. Um paralelo a isso pode ser encontrado no modo como os Thugs (uma seita religiosa da Índia, suprimida há pouco tempo pelos ingleses, que executaram muitos deles) expressam seu sentimento religioso e sua veneração pela deusa Káli; estes aproveitam toda oportunidade de assassinar seus amigos e companheiros de viagem com o objetivo de apossar seus bens, com a plena convicção de que estão perpetrando algo louvável, conduzindo à sua eterna prosperidade. O poder do dogma religioso, quando inculcado cedo, é tal que pode sufocar a consciência, a compaixão e, finalmente, cada sentimento de humanidade. Mas, se deseja ver de perto e com seus próprios olhos o que uma inoculação num tempo oportuno acarretará, veja os ingleses. Eis uma grande nação favorecida perante todas outras por natureza; dotada, mais que todas outras, de discernimento, inteligência, aptidão de julgamento, força de caráter; veja-os: rebaixados e tornados ridículos, além de todos os outros, por sua superstição eclesiástica estúpida, que se manifesta entre suas habilidade como uma *idée fixe* [idéia fixa] ou uma monomania. Devem agradecer isso à circunstância de a educação estar nas mãos do clero, cujo empenho consiste em inculcar todos os artigos de fé nas idades mais tenras, resultando em uma espécie de paralisia cerebral; isso, por sua vez, se expressa em toda sua vida num fanatismo imbecil, que faz a maior parte das pessoas – de outro modo sensíveis e inteligentes – degradarem-se de tal forma que se tornam incompreensíveis. Considerando quão essencial para esta obra-prima é a inoculação numa idade tenra, os sistemas missionários deixam de parecer o auge da importunidade, da arrogância e da impertinência, mas também um absurdo se não se restringirem a nações que estejam em sua infância, como cafires, hotentotes e nativos das ilhas do Sul. Entre essas raças é bem-sucedida; mas, na Índia, os brâmanes tratam os discursos dos missionários com desprezivos sorrisos de aprovação, ou simplesmente encolhem os ombros. E pode-se dizer genericamente

que o proselitismo dos missionários na Índia é – apesar das mais vantajosas instalações –, via de regra, um fracasso. Uma notícia verídica do Vol. XXI do Asiatic Journal (1826) afirma que após tantos anos de atividade missionária não havia mais que trezentos convertidos na Índia inteira, onde somente a população nas posses inglesas chega a cento e quinze milhões; ao mesmo tempo, admite-se que os cristãos convertidos distinguem-se por sua extrema imoralidade. Trezentas odiosas almas subornadas em meio a tantos milhões! Não há evidência de que o cristianismo tenha logrado mais sucesso na Índia desde então, apesar do fato de os missionários estarem tentando, contrariamente à estipulação e em escolas feitas exclusivamente para a instrução secular inglesa, trabalhar na mente nas crianças como bem entendem, a fim de contrabandear seu cristianismo – contra os quais os hindus são os mais resistentes em sua guarda. Como disse, a infância é a época de lançar as sementes da crença, não a vida adulta – mais especialmente onde uma fé anterior já se enraizou. Uma convicção adquirida, como a fingida pelos adultos, é, via de regra, apenas uma máscara para algum interesse pessoal. É o sentimento de que esse é quase certamente o caso que faz de um homem que mudou sua religião na sua maturidade um objeto de desprezo à maior parte das pessoas em todo lugar; os quais mostram, deste modo, que vêem a religião, não como uma convicção justificada, mas meramente como uma crença inoculada na infância, antes de qualquer teste poder ser aplicado. Também é óbvio que estão certos em sua visão da religião, do modo como não apenas as massas – que são cegamente crédulas –, mas também o clero de toda religião que, como tal, estudou fielmente e cuidadosamente suas fontes, seus fundamentos, seus dogmas e suas controvérsias, se unem como um corpo à religião de seu país em particular; conseqüentemente, para um ministro, passar de uma religião ou confissão para outra é a coisa mais rara do mundo. O clero católico, por exemplo, é completamente convicto da veracidade de todas as doutrinas de sua igreja, assim como o clero protestante das suas, e ambos defendem os princípios de suas crenças diligentemente. Apesar disso, a convicção é determinada apenas pelo país natal de cada; para os eclesiásticos do sul da Alemanha, a veracidade do dogma católico é muito óbvia; no norte da Alemanha, a dos dogmas protestantes. Se tais convicções são baseadas em razões objetivas, estas devem ser climáticas, e prosperar como plantas: umas aqui, outras acolá. As crenças daqueles que possuem essa forma de convicção localista são abraçadas pelas massas em todo lugar.

Demopheles. Bem, nenhum mal foi feito, e isso não faz realmente qualquer diferença. De fato, o protestantismo é mais adequado ao norte, o catolicismo ao sul.

Philalethes. Assim parece. Mas me coloco em um ponto de vista mais elevado, e mantenho a atenção no que é mais importante – a saber, o progresso no conhecimento da verdade entre os homens. Desse ponto de vista, é uma coisa terrível que, onde quer que um homem tenha nascido, certas proposições serão inculcadas nele em sua infância, e este será convicto de que nunca poderá manifestar

dúvidas a respeito destas, sob a ameaça de perder a salvação eterna; proposições, digo, que afetam o fundamento de todo o restante do conhecimento e, conseqüentemente, determinam para sempre – e, se falsas, distorcem para sempre – o ponto de vista que o nosso conhecimento respalda; além disso, como as implicações dessas proposições abrangem todos os aspectos de nossas conquistas intelectuais, todo o conhecimento humano é completamente adulterado por estas. Evidências disso são fornecidas por qualquer literatura; a mais notável sendo a da Idade Média, mas também em um grau considerável a dos séculos XV e XVI. Observe mesmo as primeiras mentes de todas essas épocas; quão paralisadas eram devido a posições fundamentais falsas, como essas; e também, mais especificamente, como todo o discernimento sobre a verdadeira constituição e funcionamento da natureza estavam bloqueados. Durante todo o período cristão, o teísmo permaneceu como uma montanha sobre todo o esforço intelectual, e principalmente sobre os esforços filosóficos, emperrando e paralisando qualquer progresso. Para o homem científico dessas épocas, Deus, Diabo, anjos e demônios ocultavam toda a natureza; nenhuma investigação foi conduzida até o fim – nada jamais era examinado cuidadosamente; qualquer coisa que excedesse o nexo causal mais óbvio era imediatamente atribuído a tais entidades. "*Foi explicado completamente através de uma referência a Deus, anjos ou demônios*", como Pomponacio se expressou quando o assunto estava sendo debatido, "*e nenhum filósofo tem absolutamente nada análogo*". Há, certamente, uma suspeita de ironia na afirmação de Pomponacio, visto que sua perfídia em outras questões é conhecida; mesmo assim, está apenas fazendo menção ao modo de pensar de sua época. E se, por outro lado, alguém foi dotado da rara qualidade de uma mente flexível – que sozinha poderia romper com as imposições –, seus escritos e este mesmo foram queimados; foi assim com Bruno e Vanini. Quando alguém se empenha em criticar as doutrinas de uma crença alheia, pode-se ver em sua forma mais vívida e em sua faceta mais ridícula quão completamente uma mente comum é paralisada por tais preparativos metafísicos precoces. Os esforços do homem médio encontram-se geralmente direcionados a uma cuidadosa demonstração da incongruência de tais dogmas em relação à sua própria crença; esforça-se para demonstrar que os outros não dizem – e certamente também não querem dizer – a mesma coisa; com isso pensa, em sua simplicidade, que demonstrou a falsidade da crença alheia. De fato, sequer levanta a possibilidade de pôr em questão qual das duas pode estar correta; os objetos de sua crença são colocados como verdades *a priori*, como princípios auto-evidentes.

Demopheles. Então esse é seu ponto de vista mais elevado? Garanto-lhe que há outro mais elevado. *Primeiro viva, depois filosofe* é uma máxima de uma compreensão mais abrangente do que parece à primeira vista. A primeira coisa a ser feita é controlar as disposições cruas e más das massas de modo a evitar que levem a injustiça a extremos – evitar que cometam atos cruéis, violentos e infames. Se fôssemos esperar até que reconhecessem e aceitassem a verdade, isso viria tarde

demais; e a verdade, supondo-se que tivesse sido encontrada, estaria acima de seus poderes de compreensão. De qualquer forma, uma versão alegórica da verdade – uma parábola ou um mito – é tudo que pode lhes ser útil. Como disse Kant, deve haver um padrão público para o Certo e para a Virtude; isso sempre deve pairar acima. Não importam realmente as figuras inscritas nela, desde que seus significados sejam o que é necessário. Tal representação alegórica da verdade sempre existiu em todos lugares; para a maior parte da humanidade, é um substituto útil para uma verdade que nunca poderiam conceber – para uma filosofia que nunca poderiam compreender; pondo-se de lado, ainda, o fato de que está em constante mudança de forma, e nenhuma delas até agora recebeu aceitação geral. Deste modo, meu caro Philalethes, objetivos práticos são, em todos os aspectos, superiores aos teóricos.

Philalethes. O que disse parece muito com o antigo conselho de Timeu de Locros, o pitagórico, *pare a mente com falsidade se não puder acelerá-la com a verdade*. Quase suspeito que seu plano é algo que está em voga no momento, querendo impressionar-me com:

Está próxima a hora

Em que poderemos festejar em silêncio

[The hour is nigh

When we may feast in quiet.]

Recomendando, de fato, que tomemos oportunas precauções, de tal forma que as ondas furiosas das massas insatisfeitas não nos incomodem na mesa. Mas todo o ponto de vista é tão falso quanto, hoje em dia, é popular e recomendado; então me apresso em levantar-lhe um protesto. É *falso* que Estado, justiça e lei não podem ser mantidos sem a assistência da religião e seus dogmas; e que a justiça e a ordem pública precisam da religião como um complemento necessário, se as representações legislativas precisam proceder. É *falso*, fosse repetido cem vezes. Um argumento penetrante e contundente em favor contrário é sustentado pelos Antigos, especialmente os gregos. Nada do que entendemos por religião lhes era familiar. Não possuíam escrituras sagradas, dogmas e o ímpeto de induzir sua aceitação por todos, princípios a serem inculcados nos mais jovens. Tão modesta quanto isso era a doutrina moral pregada pelos ministros da religião, tampouco os padres preocupavam-se com moralidade ou com o que as pessoas faziam ou deixavam de fazer. Nada disso. O dever dos padres resumia-se a cerimônias, rezas, hinos, sacrifícios, procissões, lustrações e afins, tendo como objetivo nada além da melhoria moral do indivíduo. O que se denominava religião consistia, mais especialmente nas cidades, em conceder templos aqui e acolá a alguns dos deuses

das maiores tribos, nas quais as adorações eram realizadas como uma questão de estado, sendo, conseqüentemente, um afazer civil. Ninguém – exceto os responsáveis pelas cerimônias – era, de qualquer forma, obrigado participar ou mesmo acreditar. Em toda a Antiguidade não há traço de qualquer obrigação de se acreditar em qualquer dogma particular. Apenas no caso de uma explícita negação da existência dos deuses – ou qualquer outro insulto a estes – uma penalidade era imposta, e isso devido ao insulto oferecido ao Estado, que servia a tais deuses; à parte isso, todos eram livres para pensar o que quisessem a seu respeito. Se alguém desejasse ganhar o favor de tais deuses de modo privado, pela oração ou pelo sacrifício, estava desimpedido, mas arcando com todos os custos e riscos; se não o fizesse, ninguém apresentaria objeções, menos ainda o Estado. No caso dos romanos, todos tinham em casa seus próprios Lares e Penates; estes eram, na verdade, bustos de venerados antepassados. Da imortalidade da alma e da vida após a morte os Antigos não tinham qualquer idéia firme, clara e menos ainda dogmática, mas noções muito vagas, cambiantes, indefinidas e problemáticas, cada qual ao seu modo; e as idéias sobre os deuses eram, no mesmo grau, variantes, individuais e vagas. Portanto, entre os Antigos não havia *religião* no sentido atual da palavra. Mas a anarquia e a desordem prevaleceram por causa disso? Pelo contrário, não são a lei e a ordem civil em grande parte um trabalho dos Antigos, e que este ainda constitui nossos próprios fundamentos? Não havia uma completa proteção da propriedade, mesmo consistindo em grande parte de escravos? E essa forma de organização não durou mais de mil anos? Então, como não os reconheço, devo protestar contra os objetivos práticos e a necessidade da religião nesse sentido que indicou, e contra o que é tão popular hoje em dia, isto é, como um fundamento indispensável a todos os esquemas legislativos. Pois, adotando este ponto de vista, uma pura e sagrada busca pela verdade pareceria, no mínimo, quixotesca, e mesmo criminosa se se aventurasse, em seu sentimento de justiça, a denunciar tal crença autoritária como uma usurpadora que tomou posse do trono da verdade e mantém sua posição através da mentira.

Demopheles. Mas a religião não se opõe à verdade; esta mesma ensina a verdade. E como a amplitude de sua atividade não é uma mera sala de conferências, mas o mundo e a humanidade em peso, a religião deve adaptar-se às exigências e à compreensão de uma audiência de tal forma numerosa e amalgamada. A religião não deve permitir que a verdade apareça em sua forma crua; ou, para usar uma analogia médica, esta não deve exibir-se pura – precisa empregar um meio mítico, um agente, que tome sua fronte. Também é possível comparar a verdade em relação a certos elementos químicos que, por si próprios, são gasosos, mas, para uso medicinal, assim como por questão de preservação e transporte, devem ser unidos a uma base sólida, estável, pois de outro modo evaporaria. O gás de cloro, por exemplo, somente é utilizado na forma de cloretos. Mas se a verdade pura, abstrata e isenta de vínculos alegóricos, será para sempre intangível, mesmo aos filósofos, então pode ser comparada ao flúor, que não pode ser isolado, mas aparece sempre combinado a

outros elementos. Ou, valendo-me de uma analogia menos científica, a verdade, que é impossível de exprimir senão através de mitos e alegorias, é como água, que pode ser armazenada em praticamente qualquer recipiente; o filósofo que insiste em obtê-la pura é como o homem que quebra o recipiente para conseguir a água em si. Essa é, talvez, uma analogia exata. Em qualquer grau, religião é a verdade exprimida de modo mítico e alegórico, tornando-se assim acessível e digestível pela humanidade em geral. Os homens não poderiam recebê-la pura e cristalina, assim como não podemos respirar oxigênio puro; precisa-se adicionar quatro vezes o volume em nitrogênio. Em palavras claras, o profundo significado, o mais alto objetivo da vida só pode ser desvelado e apresentado às massas simbolicamente, pois são incapazes de concebê-la em sua verdadeira significação. Filosofia, por outro lado, deve ser como os mistérios Eleusinianos, para os poucos, a elite.

Philalethes. Compreendo. No fim, isso se resume à verdade numa indumentária de falsidade. Mas, nessa situação, está a fazer uma aliança fatal. Que arma perigosa é posta nas mãos daqueles que estão autorizados a empregar a falsidade como um veículo da verdade! Se o que diz é verdade, temo que o dano causado pela falsidade será maior que qualquer vantagem que a verdade jamais poderia produzir. Obviamente, se a alegoria fosse admitida como tal, não levantaria objeções; mas tal admissão subtrairia de si própria todo o respeito e, conseqüentemente, toda a utilidade. A alegoria deve, portanto, alegar-se verdadeira no sentido próprio da palavra, e sustentar tal alegação – enquanto, na melhor das hipóteses, é somente verdadeira no sentido alegórico. Pois aqui está um dano irreparável, um mal permanente; e é por isso que a religião sempre esteve e sempre estará em conflito com o nobre empenho da busca pela verdade pura.

Demopheles. Oh, não! Isso não representa perigo. A religião pode não confessar abertamente sua natureza alegórica, mas disso apresenta indicações suficientes.

Philalethes. Como?

Demopheles. Em seus mistérios. “Mistério”, na verdade, é apenas uma palavra técnica da teologia para alegoria religiosa. Todas religiões têm seus mistérios. Literalmente, um mistério é um dogma completamente absurdo, mas que, apesar disso, abriga em si uma grandiosa verdade, a qual, por si própria, seria incompreensível ao entendimento vulgar da multidão. A multidão o aceita em seu disfarce com confiança, e lhe acredita, sem descaminhar devido à sua absurdidade, a qual, mesmo para sua inteligência, é óbvia; e deste modo participa do núcleo da questão, tanto quanto é capaz de fazê-lo. Para explicar meu ponto de vista posso acrescentar que mesmo na filosofia uma tentativa foi feita de lançar mão do mistério. Pascal, por exemplo, que foi outrora um devoto, um matemático e um filósofo, diz: *Deus é todo centro e nada redor* [God is everywhere center and

nowhere periphery]. Malebranche também tem uma justa observação: *Liberdade é um mistério*. Poder-se-ia dar um passo adiante e sustentar que na religião tudo é mistério. Pois comunicar a verdade, no sentido próprio da palavra, à multidão em sua forma nua é absolutamente impossível; tudo que pode fazer parte de seu destino deve ser iluminado por uma reflexão mitológica a seu respeito. A verdade despida está fora de lugar ante os olhos do profano e do vulgar, que só podem perceber uma aparência pesadamente velada. Conseqüentemente, não é razoável exigir de uma religião que seja verdadeira no sentido próprio da palavra; e isso, hoje em dia, diga-se de passagem, é uma absurda contenda dos racionalistas e dos supernaturalistas do gênero. Ambos partem da perspectiva de que a religião deve ser a verdade de fato; enquanto o primeiro demonstra que não é verdadeira, o último obstinadamente sustenta que é; ou então o primeiro veste e organiza o elemento alegórico de tal forma que, no sentido próprio da palavra, poderia ser verdadeira, mas seria, neste caso, um lugar-comum; enquanto o último deseja sustentar que é verdadeira no sentido próprio da palavra, sem quaisquer adereços; uma crença que gostaríamos de conhecer apenas como obrigações impostas por inquisições e afins. Entretanto, o mito e a alegoria realmente constituem o elemento próprio da religião; e sob essa indispensável condição, a qual foi imposta pela limitação intelectual das multidões, a religião fornece satisfação suficiente para as necessidades metafísicas da humanidade, as quais são indestrutíveis. Esta toma o lugar da verdade filosófica pura, a qual é infinitamente complexa e talvez de impossível compreensão.

Philalethes. Ah! Assim como uma perna de madeira substitui a natural; proporciona aquilo que está faltando, mas mal faz seu dever e, sendo conformada de modo razoavelmente hábil, deseja ser considerada como uma perna natural. A única diferença é que, ainda que a perna natural, como regra, tenha precedido a de madeira, a religião em todo lugar precedeu a filosofia.

Demopheles. Talvez sim, mas para um homem que não tem uma perna natural, uma de madeira é uma grande ajuda. Tenha em mente que as necessidades metafísicas da humanidade decididamente requerem satisfação, pois o horizonte de pensamento dos homens precisa de um pano de fundo, o qual não pode ser o infinito. O homem, via de regra, não possui faculdades para pesar e discriminar o que é falso e o que é verdadeiro; além disso, o trabalho que a natureza e as imposições da natureza colocam sobre o homem não lhe deixam tempo para tais investigações ou para a educação que estas pressupõem. Neste caso, portanto, é inútil falar sobre convicções esclarecidas; torna-se necessário valer-se da crença e da autoridade. Se uma verdadeira filosofia realmente tomasse o lugar a religião, pelo menos nove décimos da humanidade teriam de recebê-la por força da autoridade; ou seja, seria uma questão de fé também, e o ditado de Platão, de que a multidão não pode ser de filósofos, sempre permanecerá verdadeiro. A autoridade, entretanto, é uma questão de tempo e de circunstâncias tão-somente, e assim não se pode afirmar qual possui toda a razão ao seu favor; somente deve ter permissão para aquilo que

adquiriu no curso da história, mesmo se for apenas uma representação alegórica da verdade. A verdade nesta forma, respaldada apenas pela autoridade, apela acima de tudo aos elementos estritamente metafísicos da sua constituição humana, isto é, à necessidade que o homem sente de uma teoria em relação ao mistério da existência que se mostra à sua percepção, uma necessidade advinda da consciência de que por detrás do mundo físico há outro metafísico, algo permanente como o fundamento da constante mudança. Então apela à vontade, aos medos e às esperanças dos seres mortais que vivem em luta constante; para estes a religião cria, de acordo, deuses e demônios para os quais podem rogar, cuja vontade podem satisfazer e dos quais podem ganhar o favor. Finalmente, apela à consciência moral, a qual indiscutivelmente está presente no homem, fornecendo-lhe corroboração e apoio, sem o qual não se manteria a si próprio na luta contra tantas tentações. É apenas nesta perspectiva que a religião proporciona uma fonte inesgotável de consolo e conforto nos inumeráveis desafios da vida, um conforto que não abandona o homem na morte, mas que, então, revela sua face mais eficiente. Deste modo, a religião pode ser comparada a alguém que pega um cego pela mão e o guia, pois este é incapaz de enxergar por si próprio, tendo como preocupação chegar ao seu destino, não olhar tudo pelo caminho.

Philalethes. Este certamente é um dos aspectos mais fortes da religião. Se se trata de uma fraude, é uma fraude sagrada; isso é inegável. Mas isso situa os padres como algo entre enganadores e professores de moral; não ousariam ensinar a verdade de fato – como explicou bastante claramente – mesmo se a conhecessem, o que não é o caso. Uma filosofia verdadeira, então, sempre poderá existir, mas não uma religião verdadeira; digo verdadeira no sentido próprio da compreensão da palavra, não meramente no sentido floreado ou alegórico que descreveu; um sentido segundo o qual todas religiões seriam verdadeiras, mas em vários graus. É precisamente mantendo a mistura inextrincável de opulência e miséria, honestidade e perfídia, bem e mal, nobreza e baixeza – que são as características normais do mundo em geral – que a mais importante, mais grandiosa, mais sagrada das verdades pode tecer sua aparência em conjunto com uma mentira, e pode até emprestar força de uma mentira como algo que funciona melhor na humanidade; e, como revelação, deve ser escudada por uma mentira. Isso poderia, de fato, ser considerado o *símbolo* do mundo moral. Entretanto, não abandonaremos a esperança de que a humanidade, possivelmente, chegará a um ponto de maturidade e educação no qual um lado pode produzir e o outro receber a verdadeira filosofia. *Simplex sigillum veri* [simplicidade é o sinal, o símbolo da verdade]: a verdade nua deve ser tão simples e inteligível que poderá ser comunicada a todos em sua forma verdadeira, sem admitir qualquer mistura com mitos e fábulas, sem disfarçá-la na forma de *religião*.

Demopheles. Parece ter perdido a noção de quão estúpida é a maior parte das pessoas.

Philalethes. Estou apenas exprimindo uma esperança da qual não consigo abrir mão. Se atingida, a verdade em sua forma simples e inteligível certamente removeria da religião do lugar que ocupou por tanto tempo como sua representante e pelos meios mesmos meios mantidos abertos para esta. Chegaria o tempo em que a religião teria cumprido seu objetivo e completado seu curso: poderia despedir-se da corrida que havia comprado em anos de discrição, e partir em paz: isso seria a *eutanásia* da religião. Mas, enquanto viver, terá duas faces, uma de verdade e uma de farsa. Dependendo do modo como se olha a uma ou outra, toma-se uma posição favorável ou contrária. A religião deve ser considerada um mal necessário, cuja necessidade reside na lamentável imbecilidade da grande maioria da humanidade, incapaz de alcançar a verdade, e deste modo precisando urgentemente de algo que tome o seu lugar.

Demopheles. Realmente, um indivíduo qualquer pensaria que filósofos têm a verdade num armário, e seria necessário somente ir lá e pegá-la!

Philalethes. Bem, se ainda não a temos, isso se deve principalmente à pressão que a religião colocou sobre a filosofia em todos os tempos e em todos os lugares. Tentou-se fazer da expressão e da comunicação da verdade, mesmo da sua contemplação e descoberta, algo impossível, colocando crianças, em seus primeiros anos, nas mãos de padres, para serem manipuladas – para fixar as bases sobre as quais seus pensamentos fundamentais daí em diante ocorrerão, e isso com tamanha firmeza que, em assuntos fundamentais, estarão estabelecidos e determinados pelo resto de suas vidas. Mesmo quando vejo os escritos dos melhores intelectos dos séculos XVI e XVII (mais especialmente se estiver engajado em estudos orientais), às vezes me choco em perceber quão completamente paralisados e tolhidos estão pelas idéias judaicas. Como alguém poderia fazer uma filosofa verdadeira com essa espécie de preparação?

Demopheles. Mesmo se a verdadeira filosofia fosse descoberta, a religião não desapareceria do mundo, como parece pensar. Não pode haver um sistema metafísico para todos; isso se torna impossível devido às naturais diferenças de capacidade intelectual entre os homens e também devido às diferenças que a educação faz. É uma necessidade para a grande maioria da humanidade se empenhar em trabalhos físicos árduos, os quais não podem ser dispensados se as necessidades incessantes de toda a raça tiverem de ser satisfeitas. Isso não apenas deixa a maioria sem tempo para educação, aprendizado e contemplação; mas, em virtude do ríspido e veloz antagonismo entre músculos e mente, a inteligência é embotada pelo exaustivo trabalho físico, a qual se torna pesada, desajeitada, embaraçada e, conseqüentemente, incapaz de assimilar qualquer coisa além de situações relativamente simples. No mínimo nove décimos da raça humana se enquadram nessa categoria. Mas ainda assim as pessoas precisam de um sistema metafísico, isto é, uma explicação do mundo e da nossa existência, e devido a tal necessidade ser

algo muito essencial da natureza humana, é preciso um sistema popular; e para ser popular este deve combinar muitas qualidades raras. Deve ser facilmente compreensível, mas ao mesmo tempo possuir, onde for apropriado, uma certa quantidade de obscuridade, mesmo de impenetrabilidade; então um sistema moral correto e satisfatório deve ser articulado com seus dogmas; acima de tudo, deve fornecer um inesgotável consolo quanto ao sofrimento e à morte; a conseqüência disso tudo é que só pode ser verdadeiro no sentido alegórico, mas não no real. Ademais, deve possuir o apoio de uma autoridade que impressiona por sua grande idade, por ser universalmente reconhecida, por seus documentos, por seu tom e sua elocução; qualidades tão difíceis de combinar que muitos homens não estariam dispostos – se pensassem sobre o assunto – a ajudar a solapar uma religião, pois concluiriam que o alvo de seu ataque é mais sagrado tesouro das pessoas. Se deseja constituir uma opinião sobre religião, é imprescindível ter em mente o caráter da grande multidão para a qual é destinada, e afigurar para si sua completa inferioridade, tanto moral quanto intelectual. É incrível quão longe essa inferioridade chega, e com quanta persistência uma faísca de verdade brilhará mesmo com o envoltório mais tosco da fábula mais monstruosa ou da cerimônia mais grotesca, unindo-se indestrutivelmente, como o odor do almíscar, a tudo com o qual entrou em contato. Como ilustração, considere a profunda sabedoria dos Upanishads, e então veja toda a idolatria amalucada na Índia de hoje, com suas peregrinações, procissões e festividades, ou as insanas e ridículas atividades dos Saniasi. Ainda assim não se pode negar que em toda essa insanidade e maluquice há um propósito obscuro por detrás, com o qual se harmoniza, um reflexo da profunda sabedoria que mencionei. Mas, para a multidão bruta, tinha de estar representada desta forma. Em tamanho contraste como este, temos os dois pólos da humanidade, a sabedoria do indivíduo e a bestialidade dos muitos, ambos os quais encontram seu ponto de convergência na esfera moral. Este dizer de Kurral deve surgir naturalmente em todos. *Pessoas humildes parecem homens, mas nunca vi sua exata contraparte* [Base people look like men, but I have never seen their exact counterpart]. O homem de educação pode, igualmente, interpretar a religião para si próprio *cum grano salis*; o homem do conhecimento, o espírito contemplativo pode secretamente trocá-la por uma filosofia. Mas aqui, novamente, uma filosofia não serviria para todos; pelas leis da afinidade todo sistema traria para si o público cuja educação e capacidades fossem mais adequadas. Então sempre há escolas de um sistema metafísico inferior para a multidão educada e um mais elevado para elite. A grandiosa doutrina de Kant, por exemplo, teve de ser degradada ao nível das universidades e arruinada por homens como Fries, Krug e Salat. Em suma, aqui, como em todo lugar, a máxima de Goethe é verdadeira: *um não serve para todos* [One does not suit all]. Pura fé na revelação e pura metafísica são para dois extremos e, para os passos intermediários, modificações destes em combinações e gradações inumeráveis. E isso sucede necessariamente pelas imensuráveis diferenças que a natureza e a educação colocaram entre homens e homens.

Philalethes. Seu ponto de vista realmente faz-me lembrar dos mistérios dos Antigos, que acabou de mencionar. Seu propósito fundamental parece ter sido curar o mal proveniente das diferenças de capacidade intelectual e educação. O plano era, da grande multidão completamente impérvia à verdade desvelada, selecionar certas pessoas que talvez receberiam uma revelação até certo ponto; destas, novamente, escolher outras para as quais mais seria revelado, por serem capazes de apreender mais; e cada vez mais acima, até o topo dos Epopts. Os graus correspondem aos pequenos, grandes e maiores mistérios. A organização foi baseada numa estimativa correta da desigualdade intelectual da humanidade.

Demopheles. No mesmo sentido, a educação dada em nossas escolas primárias, médias e superiores corresponde a diferentes graus de iniciação em mistérios.

Philalethes. De um modo bastante semelhante; e apenas enquanto os assuntos relativos ao conhecimento superior são escritos exclusivamente em latim. Mas desde que este deixou de ser o caso, todos os mistérios estão profanados.

Demopheles. Seja como for, devo lembrá-lo de que deveria olhar a religião mais do ponto de vista prático que do teórico. Metafísica *personificada* pode ser um inimigo da religião, mas do mesmo modo moralidade *personificada* será sua aliada. Talvez o elemento metafísico em todas as religiões seja falso; mas o elemento moral é verdadeiro no todo. Isso talvez possa ser deduzido do fato de que todas discordam em suas metafísicas, mas estão de acordo no relativo à moral.

Philalethes. Algo que ilustra a regra lógica de que premissas falsas podem resultar em uma conclusão verdadeira.

Demopheles. Permita-me que discorra sobre sua conclusão: deixe-me lembrá-lo de que a religião tem dois lados. Esta não se sustenta quando vista em sua teoria, isto é, seu lado intelectual; por outro lado, na perspectiva moral, esta prova ser o único meio de guiar, controlar e acalmar essas raças de animais imbuídos de razão, cujo parentesco com o macaco não exclui o parentesco com o tigre. Ao mesmo tempo a religião, via de regra, é uma satisfação suficiente para suas obtusas necessidades metafísicas. Parece não possuir uma idéia adequada da diferença, profunda como uma fenda nos céus, o grande abismo entre o homem do conhecimento e esclarecimento, acostumado ao processo de reflexão, e a pesada, maljeitosa, rude e lerda consciência das bestas de carga da humanidade, cujos pensamentos tomaram inexoravelmente a direção da ansiedade a respeito do seu sustento, e não podem tomar qualquer outra rota; cuja força muscular é trazida à cena tão exclusivamente que a força nervosa, a qual forma a inteligência, desce a um nível muito raso. Pessoas assim precisam de algo tangível ao qual possam se segurar no caminho escorregadio e tortuoso de suas vidas, algum tipo de fábula maravilhosa,

através da qual as coisas possam ser-lhe comunicadas, pois com sua inteligência bruta só podem absorvê-las na forma de imagens e parábolas. Neles explicações profundas e distinções sutis são jogadas fora. Se conceber a religião sob esta luz, e relembrar-se que seus objetivos são acima de tudo práticos, e teóricos apenas num grau subordinado, esta se afigurará como algo digno do mais elevado respeito.

Philalethes. Um respeito que, em última instância, fundamenta-se no princípio de que os fins justificam os meios. Não me sinto disposto em favor de um compromisso com bases como essas. A religião pode ser um excelente meio de adestrar os membros pervertidos, obtusos e controversos dessa raça bípede: mas, aos olhos do amigo da verdade, toda fraude, mesmo sendo sagrada, deve ser condenada. Um sistema de enganações, um amontoado de mentiras parece um meio estranho de inculcar a virtude. A bandeira à qual jurei é a verdade; permanecerei fiel a isso sempre e, atingindo sucesso ou não, lutarei pela luz da verdade! Se vejo a religião pela ótica errada... –

Demopheles. Mas não vai. A religião não é uma mentira: é verdadeira, a mais importante de todas as verdades. Pois suas doutrinas são, como disse, de tal grandiosidade que a multidão é incapaz de concebê-la sem um intermediário, porque sua luz cegaria uma visão comum, esta vem diretamente envolvida no pelo véu da alegoria e ensina, não precisamente o que é a verdade em si, mas o que é verdadeiro em relação ao grandioso significado que contém; e, entendida dessa forma, a religião é a verdade.

Philalethes. Estaria tudo bem se a religião estivesse na liberdade de ser verdadeira no sentido meramente alegórico. Entretanto, sua alegação é que esta é completamente verdadeira no sentido próprio da palavra. Nisto repousa a mentira, e é aqui que um amigo da verdade deve adotar uma posição hostil.

Demopheles. A mentira é um *sine qua non* [sem a qual não]. Se a religião admitisse que apenas o significado alegórico de sua doutrina é verdadeiro, estaria subtraindo de si própria toda a sua eficácia. Um tratamento rigoroso como este destruiria sua inestimável influência sobre os corações e sobre a moral da humanidade. Em vez de insistir com tal obstinação pedante, veja as grandes conquistas na esfera prática, sua promoção de sentimentos bons e aprazíveis, sua orientação da conduta, o apoio e o consolo ao sofrimento da humanidade na vida e na morte. Quanto desejaria evitar que as sutilezas teóricas fossem desacreditadas pelos olhos da multidão, e finalmente arrancar-lhes algo que é uma inexaurível fonte de consolo de tranqüilidade, algo do qual, em seu destino penoso, precisam tanto – mesmo mais que nós. Por apenas esse motivo, a religião deve estar acima de qualquer ataque.

Philalethes. Com esse tipo de argumento poderia ter tirado Lutero do jogo quando atacou a venda de indulgências. Quantos conseguiram consolo das cartas de indulgências, um consolo que nada mais poderia conceder, uma completa tranqüilidade; de tal forma que partiu em júbilo com completa confiança no pacote delas que tinha em suas mãos na hora de sua morte, convicto de que eram muitas cartas de admissão a todos os nove céus. Qual é a utilidade de um consolo e tranqüilidade que são constantemente obscurecidos sob a espada de Dâmocles?*1 A verdade, meu caro senhor, é a única coisa segura; a verdade somente permanece firme e confiável; é a única fonte de consolo consistente; é o diamante indestrutível.

Demopheles. Sim, se tivesse a verdade em seu bolso, pronta a nos beneficiar. Tudo que tem são sistemas metafísicos, nos quais nada é certo senão as dores de cabeça que causam. Antes de lançar qualquer coisa fora, é preciso ter algo melhor a ser posto em seu lugar.

Philalethes. É o que continua a afirmar. Livrar um homem do erro é conceder, não retirar. O conhecimento de que algo é falso é a verdade. O erro sempre causa problemas; cedo ou tarde, acarretará danos ao homem que o abriga. Então desistir de enganar as pessoas; confessar a ignorância a respeito do que não se sabe e deixar todos constituírem seus artigos de fé por si próprios. Talvez não se saiam tão mal, especialmente enquanto estiverem a polir os detalhes um do outro, corrigindo erros mutuamente. A existência de muitas perspectivas sem dúvida lançará um fundamento de tolerância. Aqueles que possuem conhecimento e capacidade poderão recorrer ao estudo de filosofia, ou mesmo em si próprios levar a história da filosofia um passo adiante.

Demopheles. Isso será um belo empreendimento! Toda uma nação de metafísicos rudes disputando entre si e por vezes saindo aos socos!

Philalethes. Bem, bem, alguns socos aqui e acolá são o tempero da vida; de qualquer forma, um mal desprezível em comparação com o presente no domínio sacerdotal, o despojo da laicidade, a perseguição dos hereges, tribunais inquisitórios, cruzadas, guerras santas, massacres de São Bartolomeu. Esses foram os resultados da metafísica popular imposta de cima para baixo; então me atenho ao antigo dizer de que não se pode obter uvas do cardo, ou esperar que algo bom provenha de um monte de mentiras.

Demopheles. Quantas vezes terei de repetir que a religião pode ser qualquer coisa, menos um monte de mentiras? A religião é a própria verdade, mas numa vestimenta mitológica, alegórica. Quando falou sobre seu plano de todos serem os fundadores de suas próprias religiões, ocorreu-me dizer que um particularismo como esse é completamente oposto à natureza humana e, conseqüentemente, destruiria toda a ordem social. O homem é um animal metafísico – isto é, possui supremas

necessidades metafísicas; em acordo, concebe a vida acima de tudo em sua significação metafísica, e anseia fazer com que tudo se alinhe a isso. Conseqüentemente, mesmo soando de um modo estranho frente à visão de incerteza perante todos os dogmas, a concordância quanto aos fundamentos da metafísica é essencial, pois um laço de união genuíno e duradouro somente é possível entre os que partilham o mesmo ponto de vista nessas questões. Como resultado, o fator de semelhança ou contraste entre nações é principalmente a religião, mais que o governo ou mesmo a língua; assim, a estrutura da sociedade, o Estado, permanecerá firme apenas quando fundado sobre um sistema metafísico que é reconhecido por todos. Este, obviamente, só pode ser um sistema popular – isto é, uma religião: torna-se uma parte e uma parcela da constituição do Estado, de todas as manifestações públicas da vida nacional e também de todos os atos solenes de indivíduos. Tal era o caso na Índia antiga, entre os persas, egípcios, judeus, gregos e romanos; e ainda é o caso nas nações brâmanes, budistas e maometanas. Na China, é verdade, há três crenças, das quais a prevalecente – budismo – é precisamente a que não recebe proteção do Estado; todavia, há um ditado na China, universalmente aceito e de uso diário, de que "as três crenças são apenas uma" – ou seja, há concordância quanto aos fundamentos essenciais. O imperador confessa as três juntas ao mesmo tempo. E a Europa é a união dos Estados cristãos: o cristianismo é fundação de cada um dos membros, e a ligação comum entre todos. Por essa razão a Turquia, apesar de estar geograficamente na Europa, não é propriamente considerada como pertencente a esta. Igualmente, os príncipes europeus mantêm suas posições "pela graça de Deus": e o papa é o vice-gerente de Deus. Por isso, como seu trono era o mais elevado, costumava ansiar que todos tronos fossem considerados dele. Também do mesmo modo, os arcebispos e bispos, como tais, possuíam poderes temporais; e na Inglaterra estes ainda têm assentos e votos na alta Casa. Princesas protestantes, como tais, são a liderança de suas igrejas: na Inglaterra, poucos anos atrás, esta era uma garota de dezoito anos. Pela revolta do papa, a Reforma rompeu a união européia, e em um grau especial dissolveu a verdadeira unidade da Alemanha através da destruição de suas crenças religiosas comuns. Esta união, a qual praticamente havia chegado ao fim, teve de ser restaurada posteriormente através de meios artificiais e puramente políticos. Pode-se ver, então, quão próxima é a conexão entre uma fé comum e a ordem social e a constituição de cada Estado. A fé fornece amplo respaldo às leis e à constituição, ao fundamento e, portanto, à estrutura social, a qual sequer se manteria como um todo se a religião não emprestasse peso à autoridade do governo e a dignidade ao governante.

Philalethes. Oh, sim, princesas usam Deus como uma espécie de fantasma para assustar crianças crescidas para a cama, se nada mais funcionar: é por isso que vinculam tanta importância à divindade. Muito bem. De passagem, deixe-me recomendar aos nossos governantes que prestem bastante atenção, regularmente duas vezes ao ano, no décimo quinto capítulo do primeiro livro de Samuel, para que se lembrem constantemente o que significa apoiar o trono no altar. Ademais, desde

que o cadafalso, esta *ultima ration theologorum* [última razão dos teólogos], saiu da moda, esta forma de governo perdeu sua eficiência. Pois, como sabe, religiões são como pirilampos; brilham apenas quando está escuro. Uma certa quantidade de ignorância generalizada é a condição de todas as religiões, o elemento no qual podem existir por si próprias. E tão logo quanto a astronomia, a ciência natural, a geologia, a história, o conhecimento dos países e dos povos tiverem disseminado sua luz amplamente, e a filosofia finalmente tiver a permissão de dizer uma palavra, todas as crenças baseadas em milagres e revelações desaparecerão; e a filosofia tomará seu lugar. Na Europa o dia do conhecimento e da ciência amanheceu no fim do século XV com o aparecimento dos platônicos do Renascimento; seu sol brilhou ainda mais nos séculos XVI e XVII, tão ricos em resultados, desfazendo a névoa da Idade Média. A Igreja e a fé foram compelidas a desaparecer na mesma medida; e então no século XVIII os filósofos ingleses e franceses foram capazes de assumir uma atitude de hostilidade direta; até que, finalmente, no período de Frederick, o grande, apareceu Kant e removeu da crença religiosa o sustento que anteriormente havia recebido da filosofia: emancipou a criada da teologia e, ao atacar a questão com completude e paciência alemãs, deu-lhe um tom sério em vez de frívolo. A conseqüência disso foi que vemos o cristianismo solapado no século XIX, no qual uma fé séria estava praticamente extinta; o vemos lutando mesmo por sua própria existência, ainda que príncipes tentassem ansiosamente levantá-lo através de métodos artificiais, como um médico usa drogas num paciente moribundo. Em conexão, há uma passagem em "*Des Progrès de l'esprit humain*" de Condorcet que parece ter sido escrita como um alerta para nossa época: "o ardor religioso demonstrado por filósofos e grandes homens foi apenas uma devoção política; e toda religião que se permite ser defendida como uma crença que pode ser proveitosamente deixada ao povo somente deve esperar pela sua agonia, talvez mais ou menos prolongada." Em todo o curso de eventos que indiquei, pode-se sempre observar que fé e conhecimento podem ser relacionados a duas escalas de uma balança; quando uma sobe, a outra desce. Por sua sensibilidade, esta balança pode indicar influências momentâneas. Quando, por exemplo, no início desde século, as invasões de ladrões franceses sob a liderança de Bonaparte, e os enormes esforços necessários para expulsá-los e puni-los, causaram um desprezo temporário da ciência e conseqüentemente um certo declínio na promoção do conhecimento, durante o qual a Igreja imediatamente começou a levantar sua cabeça novamente e a fé começou a demonstrar sinais de vida nova; algo que, com certeza, em concordância com a época, foi parcialmente poético em sua natureza. Por outro lado, nos mais de trinta anos de paz de se seguiram, a calma e a prosperidade adiantaram a construção da ciência e a divulgação do conhecimento num nível extraordinário: e a conseqüência foi a que indiquei, a dissolução e a ameaça de queda da religião. Talvez esteja chegando o momento tão profetizado, quando a religião partirá da humanidade européia, como uma babá cuja criança já cresceu: agora será colocada sob as instruções de um tutor. Pois não há dúvida de que as doutrinas religiosas que se fundamentam apenas na autoridade, milagres e revelações são convenientes

apenas à infância da humanidade. Todos admitirão que uma raça – a existência passada da qual a Terra tem registros, físicos e históricos – que chega algumas centenas de vezes à vida de um homem de sessenta anos ainda está em sua primeira infância.

Demopheles. Em vez de demonstrar este prazer descarado em profetizar a queda do cristianismo, como gostaria que considerasse a imensurável dívida de gratidão da humanidade européia para com o cristianismo, o quanto foi beneficiada pela religião que, após um grande intervalo, a seguiu de sua velha casa no leste. A Europa recebeu do cristianismo novas idéias, o conhecimento da verdade fundamental de que a vida não pode ser um fim em si mesma, que o verdadeiro fim de nossa existência está além dela. Os gregos e os romanos haviam colocado este fim completamente em nossa vida presente, de modo que neste sentido podem certamente ser denominados pagãos cegos. E, ao manter essa visão da vida, todas as suas virtudes podem ser reduzidas àquilo que é útil à comunidade, àquilo que é útil de fato. Aristóteles diz, de um modo bastante ingênuo, que *as virtudes mais grandiosas devem necessariamente ser as mais úteis a outrem* [Those virtues must necessarily be the greatest which are the most useful to others]. Os Antigos pensavam no patriotismo como a mais elevada das virtudes, apesar desta ser realmente dúbia, visto que mesquinhez, preconceito, vaidade e um luminoso interesse próprio são os seus elementos principais. Logo antes de passagem que citei, Aristóteles enumera todas as virtudes, a fim de discuti-las isoladamente. Estas são *Justiça*, *Coragem*, *Temperança*, *Magnificência*, *Magnanimidade*, *Liberalidade*, *Amabilidade*, *Bom-Senso* e *Sabedoria*. Quão diferentes das virtudes cristãs! O próprio Platão, indiscutivelmente o filósofo mais transcendental da antiguidade pré-cristã, desconhece qualquer virtude mais elevada que a *Justiça*; e recomenda-a incondicionalmente por si própria, enquanto que o resto faz da vida feliz, *vita beata*, o objetivo de toda a virtude, e a conduta moral o modo de atingi-lo. O cristianismo emancipou a humanidade da Europa desta baixa, crua e superficial identificação de si própria com o vazio e a incerteza do dia-a-dia,

coelumque tueri

Jussit, et erectos ad sidera tollere vultus.

[deu ao homem um semblante elevado

e mandou olhar o céu, e voltar o rosto para as estrelas.]

O cristianismo, de acordo, não prega somente a Justiça, mas o *Amor à Humanidade*, *Compaixão*, *Boas Obras*, *Perdão*, *Amor aos Inimigos*, *Paciência*, *Humildade*, *Resignação*, *Fé* e *Esperança*. Foi mesmo um passo adiante, e ensinou que o mundo é mau e que precisamos de libertação. Pregou o desprezo do mundo, a

abnegação, a castidade e o abandono da vontade própria, isto é, dar as costas à vida e aos seus prazeres ilusórios. Ensinou o poder curativo da dor: um instrumento de tortura é o símbolo do cristianismo. Estou pronto a admitir que esta visão séria, esta única visão correta da vida já havia se espalhado por toda a Ásia milhares de anos antes sob outras formas, e ainda existem, independentemente do cristianismo; mas para a humanidade européia isso foi uma grande novidade e uma grande revelação. Sabe-se que a população da Europa consiste de raças asiáticas que partiram como viandantes de suas casas e gradualmente se estabeleceram na Europa; em seu vagar, essas raças perderam a religião original e, com isso, a visão correta da vida: então, sob um novo céu, constituíram religiões para si, as quais eram bastante rudes; a adoração de Odin, por exemplo, o Druídico ou a religião grega, cujo conteúdo metafísico era pouco e raso. Neste meio tempo, os gregos desenvolveram, poder-se-ia dizer, um instintivo senso de beleza, pertencente somente a estes entre todas as outras nações que já existiram na Terra, peculiar, fino e exato: de tal modo que sua mitologia tomou, pela boca dos poetas e pelas mãos dos artistas, uma forma extraordinariamente bela e agradável. Por outro lado, o verdadeiro e profundo significado da vida perdeu-se para os gregos e romanos. Viveram como crianças crescidas até que o cristianismo chegou e os relembrou do lado sério da existência.

Philalethes. Para vermos o efeito disso precisamos apenas comparar a Antiguidade com a Idade Média; a época de Péricles, digamos, no século XIV. Mal se podia acreditar que se estava lidando com o mesmo tipo de seres. Então havia o mais refinado desenvolvimento da humanidade, excelentes instituições, leis sábias, ofícios inteligentemente repartidos, liberdade organizada racionalmente, todas as artes, incluindo a poesia e a filosofia, em seus ápices; a produção de obras que, após milênios, continuam sem paralelo, as criações, como eram, de uma ordem superior de seres que nunca poderíamos imitar; a vida embelezada pelo mais nobre companheirismo, como retratado no *Banquete* de Xenofon. Imagine a outra cena, se puder; uma época em que a Igreja havia escravizado mente e violentado os corpos dos homens, para que os cavaleiros e padres pudessem lançar todo o peso da vida sobre a indistinta besta de carga, o terceiro estado. Existia então, pode-se ter por certo, uma estreita aliança entre feudalismo e fanatismo, e em seu comboio abominável ignorância e obscuridade mental, uma intolerância correspondente, discórdia entre crenças, guerras religiosas, cruzadas, inquisições e perseguições; quanto à forma de amizade, cavalheirismo, composta de selvageria e loucura, com seu sistema pedante de fingimentos ridículos levados ao extremo, sua superstição degradante e ridícula veneração por mulheres. A galantaria é o resíduo dessa veneração, merecidamente retribuída como o é pela arrogância feminina; este fornece constantemente material para o riso de todos os asiáticos, aos quais os gregos teriam se unido. Na fase áurea da Idade Média esta prática desenvolveu-se em um constante e metódico serviço às mulheres; este impunha atos de heroísmo, *cours d'amour*, músicas bombásticas de trovadores etc.; devemos observar que estas últimas bufonarias, as quais tinham um lado intelectual, estavam principalmente na

França; por outro lado, entre os materialistas e preguiçosos alemães, os cavaleiros distinguiam-se bebendo e roubando; eram bons em se embebedar e encher seus castelos de pilhagem; apesar de que nos cortejos certamente não faltavam canções de amor insípidas. O que causou esta profunda transformação? Migração e cristianismo.

Demopheles. Acho bom que tenha me lembrado disso. A migração foi a fonte do mal; o cristianismo foi a represa que invadiram. Foi principalmente devido ao cristianismo que os rudes e selvagens eqüinos que vieram como uma inundação foram controlados e adestrados. O homem selvagem deve antes de tudo aprender a se ajoelhar, a venerar, a obedecer; depois pode ser civilizado. Isso foi feito na Irlanda por São Patrício, na Alemanha por Winifred, o Saxão, o qual era um Bonifácio genuíno. Foi a migração dos povos, o último avanço das raças asiáticas em direção à Europa, seguido apenas pelas vãs tentativas daqueles sob o comando de Áttila, Genghis Khan e Timur, e, num fim cômico, os ciganos – foi esse movimento que varreu a humanidade dos Antigos. O cristianismo foi precisamente o princípio que se colocou contra esta selvageria; assim como depois, por toda a Idade Média, a Igreja e sua hierarquia foram fundamentalmente necessários para estabelecer limites aos barbarismos selvagens desses mestres da violência, os príncipes e os cavaleiros: foi o que quebrou os icebergs nesse grande dilúvio. Não obstante, o objetivo principal do cristianismo não é realmente tornar esta vida agradável, mas fazer-nos dignos de uma melhor. Este olha além do lapso de tempo presente, além desse sonho fugidio, e busca levar-nos à eterna bem-aventurança. Sua tendência é ética no sentido mais próprio da palavra, um sentido desconhecido pela Europa até o seu advento; como lhe demonstrei, colocando a moralidade e a religião dos antigos lado a lado com as da cristandade.

Philalethes. Parece estar correto em relação à teoria: mas observe a prática! Em comparação com os tempos cristãos o mundo antigo era inquestionavelmente menos cruel que a Idade Média, com suas mortes por torturas excruciantes, suas inumeráveis incinerações em praça pública. Os antigos, ademais, eram muito tolerantes, colocando grande peso na justiça, freqüentemente sacrificando a si próprios pela nação, demonstraram traços de todo tipo de magnanimidade, uma tamanha e genuína hombridade, que hoje em dia uma proximidade com seus pensamentos e ações recebe o nome de estudo da humanidade. Os frutos do cristianismo foram guerras santas, morticínios, cruzadas, inquisições, extermínio dos nativos da América e a introduções de escravos africanos em seu lugar; entre os antigos não há nada análogo a isso, nada ao qual se possa comparar; pois os escravos dos antigos, a *familia* [casa dos escravos], o *vernae* [os nascidos na *familia*], eram uma raça satisfeita, sinceramente devotada ao serviço de seus senhores, e tão diferente dos negros miseráveis das plantações de açúcar – uma desgraça à humanidade – quanto são diferentes as suas cores. As delinqüências morais pelas quais reprovamos os antigos, e que talvez sejam um pouco menos incomuns hoje em

dia do que parece, superficialmente, ser o caso, são ninharias em comparação com as enormidades cristãs que mencionei. É possível afirmar, considerando tudo isso, que a humanidade tornou-se moralmente melhor devido ao cristianismo?

Demopheles. Se os resultados gerais não estão de acordo com a pureza e veracidade da doutrina, talvez seja porque esta era elevada e nobre demais para a humanidade, porque estabeleceu um objetivo altivo demais. Foi muito mais fácil igualar-se ao sistema pagão ou ao maometano. É precisamente o que há de nobre e digno que está mais suscetível a todo tipo de abusos de fraudes: *abusus optimi pessimus* [O abuso do ótimo é o pior]. Essas doutrinas elevadas serviram convenientemente como pretexto para os procedimentos mais abomináveis e para atos de maldade irrestrita. A queda das instituições do Velho Mundo, assim como de suas artes e ciências, deve, como disse, ser atribuída à incursão de bárbaros estrangeiros. O resultado inevitável dessa invasão foi que a ignorância e selvageria prevaleceram; conseqüentemente, violência e vileza estabeleceram seu domínio, e cavaleiros e padres tornaram-se um fardo à humanidade. Isso se explica, parcialmente, pelo fato de que a nova religião objetivava a felicidade eterna, não a temporal, ensinava que se deveria preferir simplicidade de coração à sabedoria e olhava de esguelha a todos os prazeres mundanos. Atualmente as artes e ciências servem aos prazeres mundanos; mas, naquele tempo, foram promovidas tanto quanto podiam ser úteis à religião, e atingiram um certo grau de perfeição.

Philalethes. Num âmbito muito estreito. As ciências eram companheiras suspeitas e, como tais, sofriam restrições: por outro lado, a querida ignorância, este elemento tão necessário a um sistema de crenças, foi cuidadosamente nutrida.

Demopheles. E ainda assim as posses intelectuais da humanidade até aquele período – as quais eram escritos preservados dos Antigos – foram salvas da destruição pelo clero, especialmente pelos que estavam em monastérios. Como teriam sobrevivido se o cristianismo não tivesse chegado justamente antes da migração dos povos.

Philalethes. Seria uma investigação realmente proveitosa tentar e fazer, com a mais fria imparcialidade, uma comparação neutra, cuidadosa e precisa das vantagens e desvantagens que podem ser atribuídas à religião. Para isso, obviamente, seria preciso muito mais conhecimento histórico e informações psicológicas que nós dominamos. Universidades talvez façam disso uma competição de ensaios.

Demopheles. Certamente tomarão o cuidado de não fazê-lo.

Philalethes. Estou surpreso por ouvir isso: é uma má investigação para a religião. Entretanto, há universidades em que, ao propor o assunto para competição, pode-se criar a condição secreta de que o prêmio vai para a pessoa que melhor

interpretar sua própria visão. Se pudéssemos começar fazendo com que um estatístico nos dissesse quantos crimes são evitados todos os anos pela religião e quantos por outros motivos, muito poucos seriam pela primeira razão. Quando um homem sente-se tentado a cometer um crime, pode-se confiar que a primeira consideração que passará pela sua mente será a punição envolvida e as chances de vir sofrê-la: então vem a segunda consideração, o risco à sua reputação. Se não estou enganado, este ruminará por horas a fio esses dois impedimentos antes de sequer trazer à tona considerações religiosas. Superando com segurança esses dois primeiros paredões contra o crime, penso que a religião sozinha apenas raramente barrará sua ação.

Demopheles. Penso que a religião o fará muito freqüentemente, especialmente quando sua influência se dá através dos costumes. Sente-se uma ação cruel como imediatamente repulsiva. O que é isso senão o efeito das primeiras impressões? Pense, por exemplo, quão freqüentemente um homem, especialmente se for de nascimento nobre, fará tremendos sacrifícios para cumprir o que prometeu, motivado tão-somente pelo fato de que seu pai repetidamente o impressionou em sua infância de que "um homem de honra" ou "um cavalheiro" sempre mantém sua palavra inviolável.

Philalethes. Isso é inútil a não ser que haja uma certa honorabilidade inata. Não se deve atribuir à religião aquilo que resulta de uma bondade de caráter inata, através da qual a compaixão pelo homem que sofreria seu crime o impede de cometê-lo. Isso é um motivo genuinamente moral e, como tal, independente de todas as religiões.

Demopheles. Mas esse é um motivo que raramente afeta a multidão, a não ser que assuma um aspecto religioso. O aspecto religioso sem dúvida fortalece seu poder para o bem. Mesmo sem tais fundamentos naturais, os motivos religiosos sozinhos são poderosos na prevenção de crimes. Não devemos nos impressionar com isso no caso da multidão, quando vemos que mesmo pessoas de educação sofrem vez por outra a influência – não propriamente de motivos religiosos, que são fundados em algo que é ao menos alegoricamente verdadeiro – da mais absurda superstição, e se permitem guiar por esta as suas vidas inteiras; como, por exemplo, não empreender nada na sexta-feira, recusar-se a ser o décimo terceiro a se sentar à mesa, obedecer a prognósticos estatísticos e coisas do gênero. Quão mais a multidão é guiada por tais coisas. Não é possível que forme uma idéia adequada dos estreitos limites da mente em sua forma bruta; é um lugar de absoluta escuridão, especialmente quando – como é freqüente – um coração mau, injusto e malicioso está em seu fundo. Pessoas nessa condição – e estas constituem o grosso da humanidade – precisam ser guiadas e controladas o melhor possível, mesmo se por motivos supersticiosos; até o tempo em que se tornem suscetíveis a motivos melhores e mais verdadeiros. Como um exemplo do trabalho direto da religião pode-

se mencionar o fato bastante comum de que, especialmente Itália, um ladrão devolve as mercadorias roubadas através da influência de seu confessor que afirma que não irá absolvê-lo se não o fizer. Pense novamente no caso de um juramento, onde a religião demonstra uma influência mais decisiva; pode ser que um homem coloque-se expressamente na posição de um *ser puramente moral*, e como tal veja-se solenemente vinculado, como parece ser o caso na França, onde a fórmula é simplesmente *je le jure* [eu juro] e entre os Quakers, cujo solene *yea* ou *nay* são considerados um substituto para o juramento; ou pode ser que um homem realmente acredite estar pronunciando algo que afetará sua felicidade eterna – uma crença que presumivelmente é apenas uma investidura do sentimento anterior. Sem dúvida, considerações religiosas são meios para despertar e invocar a natureza moral do homem. Quão freqüentemente sucede de um homem concordar em fazer um falso juramento e, no momento crucial, repentinamente se recusa, e a verdade e o correto prevalecem.

Philalethes. Com ainda mais freqüência falsos juramentos são feitos, e com a verdade e o correto sob seus pés, apesar de todas as testemunhas do juramento saberem-no muito bem! Mesmo assim, parece estar bastante correto em mencionar que o juramento é um inegável exemplo da eficiência prática da religião. Mas, apesar de tudo que disse, tenho dúvidas se a eficiência da religião vai muito além disso. Apenas pense; se uma proclamação pública repentinamente anunciasse a anulação de todas as leis criminais, imagino que nenhum de nós teria coragem de ir para casa sob a proteção das causas religiosas. Se, do mesmo modo, todas religiões fossem declaradas falsas, poderíamos, sob a proteção da lei apenas, continuar vivendo como antes, sem nenhum acréscimo às nossas apreensões ou às nossas medidas de precaução. Darei um passo além e direi que as religiões muito freqüentemente exerceram uma influência decididamente desmoralizante. Poder-se-ia dizer que deveres para com Deus e deveres para com a humanidade estão em razões inversas.

É fácil deixar que a bajulação de uma divindade compense a falta de comportamento apropriado em relação aos homens. E então vemos que em todos os tempos e em todas as nações a grande maioria da humanidade julga muito mais fácil chegar ao céu implorando em orações do que pelo merecimento de suas ações. Em toda religião logo vem a suceder que fé, cerimônias, ritos e afins, são proclamados como mais agradáveis à vontade divina que ações morais; esta primeira, especialmente se vinculada com o emolumento do clero, gradualmente passa a ser vista como um substituto à última. Sacrifícios em templos, discursos às massas, inauguração de capelas, plantar cruzes às margens das estradas logo se tornam as obras mais louváveis, de modo que até grandes crimes são expiados por estes, como também pela penitência, sujeição à autoridade sacerdotal, confissões, peregrinações, doações aos templos e ao clero, construção de monastérios e afins. A conseqüência disso tudo é que os padres finalmente figuram como os intermediários da corrupção

dos deuses. E como se isso não fosse bastante, onde está a religião cujos adeptos não consideram rezas, louvores e múltiplos atos de devoção, ao menos em parte, um substituto à conduta moral? Veja a Inglaterra, onde o domingo cristão, por meio de um audaz artifício sacerdotal, foi introduzido por Constantino, o Grande, como um correlato para sabá judeu, o qual é de um modo mendaz identificado com este, e empresta o seu nome – e isso a fim de que os mandamentos de Jeová para o sabá (isto é, o dia em que o Todo Poderoso teve de descansar dos seus seis dias de trabalho, de modo que essencialmente este é o último dia da semana) pudessem ser aplicados ao domingo cristão, o *dies solis* [dia do sol], o primeiro dia da semana, no qual o sol se abre em glória, o dia de devoção e alegria. A conseqüência dessa fraude é que "quebrar o sabá" ou a "dessacralização do sabá", isto é, a menor das ocupações – tanto para negócios quanto para lazer, todos jogos, música, costura, livros mundanos – é vista como um grande pecado nos domingos. Certamente o homem comum deve acreditar que – como seus guias espirituais assinalam – se for totalmente constante numa "observância estrita do santo sabá", sendo "um regular usuário do Serviço Divino", isto é, se invariavelmente quedar-se ociosamente nos domingos e não deixar de sentar-se duas horas na igreja para ouvir a mesma ladainha pela milésima vez e murmurá-la em consonância com os outros, então poderá contar com indulgência em relação aos pequenos pecadilhos aos quais ocasionalmente se permitiu. Esses demônios em forma humana, os donos e os negociadores de escravos nos Estados Livres da América do Norte [Free States of North America] (deveriam ser chamados de Estados Escravos) são, via de regra, anglicanos devotos que considerariam um pecado grave trabalhar nos domingos; e, confiando nisso – e em suas visitas regulares à igreja –, esperam pela felicidade eterna. A tendência desmoralizante da religião é menos problemática que sua influência moral. Quão grandiosa e quão certa esta influência moral deve ser para reparar as enormidades que as religiões, especialmente as cristãs e maometanas, produziram e disseminaram pela terra! Pense no fanatismo, nas perseguições infindáveis, nas guerras santas, nesse frenesi sanguinário que os Antigos sequer concebiam! Pense nas cruzadas, um morticínio de duzentos anos e seu indesculpável grito de guerra "*é a vontade de Deus*", sua meta de tomar posse das sepulturas daqueles que pregavam amor e tolerância! Pense na cruel expulsão e extermínio dos mouros e judeus da Espanha! Pense nas orgias de sangue, nas inquisições, nos tribunais inquisitórios, nas conquistas terríveis e sangrentas dos maometanos em três continentes, ou nas do cristianismo na América, cujos habitantes foram em sua maior parte exterminados, e em Cuba totalmente. De acordo com Las Cases, o cristianismo assassinou doze milhões em quarenta anos, *in majorem Dei gloriam* [para a maior glória de Deus], obviamente, para a propagação do evangelho, e porque tudo que não era cristão sequer era visto como humano! Já toquei nesse assunto anteriormente, é verdade; mas quando em nossos dias ouvimos as *Últimas Notícias do Reino de Deus* [Latest News from the Kingdom of God*2], não havemos de cansar em trazer fatos antigos à tona. Acima de tudo, não nos esqueçamos da Índia, o berço da raça humana, ou pelo menos da parte dela à qual

pertencemos, onde os maometanos, e então os cristãos, foram mais cruelmente furiosos contra os adeptos da fé original da humanidade. A destruição ou desfiguração dos templos e ídolos antigos, um ato lamentável, perverso e bárbaro, que ainda testemunha a fúria monoteísta dos maometanos, continuando de Marmud, o Ghaznavi da memória maldita, até Aureng-Zeb, o fratricida, o qual os cristãos portugueses imitaram diligentemente através da destruição de templos e dos *auto de fé* da inquisição em Goa. Não esqueçamos os escolhidos de Deus que, após terem sido expressamente ordenados por Jeová, roubaram de seus velhos e leais amigos no Egito os potes de ouro e prata que haviam lhes emprestado, fizeram um caminho de matança e pilhagens até a "terra prometida", e com o assassino Moisés no comando, usurparam-na de seus donos por direito – novamente, pela mesma ordem expressa de Jeová e repetidos comandos, sem qualquer misericórdia, exterminando os habitantes, mulheres, crianças, todos (Josué 9/10). Isso tudo simplesmente porque não foram circuncidados e desconheciam Jeová: foi motivo suficiente para justificar cada monstruosidade que lhes foram feitas; pelo mesmo motivo, em tempos anteriores, a infame perfídia do patriarca Jacó e seu povo escolhido contra Hamor, rei de Salém e seu povo, acha glória aos olhos do Senhor porque o povo era descrente! (Gênesis 33:18) De fato, o pior lado das religiões é que os fiéis de uma religião tiveram a liberdade para pecar contra os de outras, e persegui-los com extremado rufianismo e crueldade; os maometanos contra os cristãos e hindus; os cristãos contra os hindus, maometanos, nativos americanos, negros, judeus, hereges e outros.

Talvez esteja me excedendo em dizer *todas* religiões. Por respeito à verdade, devo acrescentar que as barbaridades fanáticas perpetradas em nome da religião somente podem ser imputadas aos adeptos de crenças monoteístas, isto é, a fé judaica e seus dois ramos, cristianismo e islamismo. Não ouvimos nada do gênero no caso dos hindus ou dos budistas. É do conhecimento de todos que por volta do século V de nossa era o budismo foi expulso pelos brahmans de sua terra ancestral no extremo sul da península indiana, e posteriormente espalhou-se por todo o resto da Ásia – e, tanto quanto sei, não há registros definidos de quaisquer crimes violentos, guerras ou crueldades perpetradas durante o processo.

Esse fato, obviamente, pode ser imputado à obscuridade que vela a história desses países; mas o caráter extremamente moderado de sua religião, juntamente com sua incessante inculca de tolerância para com todas as formas viventes e o fato de que o bramanismo, devido ao seu sistema próprio de castas, não admite prosélitos, permite margem à esperança de que seus adeptos abstêm-se do derramamento de sangue em grande escala e da crueldade em qualquer forma. Spence Hardy, em seu excelente livro *Eastern Monachism* [Monarquismo Oriental], elogia a extraordinária tolerância dos budistas, e inclui sua garantia que de que os anais de budismo fornecerão menos instâncias de perseguição religiosa do que qualquer outra religião.

De fato, apenas ao monoteísmo a intolerância é essencial; um deus único é, por sua própria natureza, um deus ciumento, e como tal não pode coexistir com quaisquer outros. Deuses politeístas, por outro lado, são naturalmente tolerantes; vivem e deixam viver; seus próprios companheiros, sendo deuses da mesma religião, são os maiores objetos de seu sofrimento. Essa tolerância é posteriormente estendida aos deuses estrangeiros que são recebidos de modo hospitaleiro e, depois, admitidos, em alguns casos em igualdade de direitos; um grande exemplo disso é demonstrado pelo fato de que os romanos, de boa vontade, admitiram e veneravam Phrygian, Egyptian e outros deuses. Conseqüentemente, somente as religiões monoteístas fornecem o espetáculo das guerras santas, perseguições religiosas, tribunais inquisitórios, destruição de ídolos e de imagens dos deuses, devastação de templos indianos e colossi egípcios – os quais haviam fitado o sol por três milênios – apenas porque um deus ciumento disse *Não farás para ti imagens de esculturas*.

Mas retorno ao meu argumento principal. Está, sem dúvida, correto em sua insistência nas fortes necessidades metafísicas da humanidade; todavia, a religião parece-me não tanto uma satisfação quanto é um abuso de tais necessidades. Em qualquer grau vimos que, em relação à promoção da moralidade, sua utilidade é, em grande parte, problemática; suas desvantagens e especialmente as atrocidades que a têm acompanhado são patentes como a luz do dia. Naturalmente, é uma questão completamente diferente se considerarmos a utilidade da religião como uma escora de tronos; pois onde esses são sustentados "pela graça de Deus", trono e altar estão intimamente associados; e todo príncipe sábio que ama seu trono e sua família figurará por sobre seu povo como um exemplo da verdadeira religião. Mesmo Maquiavel, no capítulo oitenta de seu livro, recomendou religião muito seriamente a príncipes. Para além disso, pode-se dizer que religiões reveladas estão para a filosofia exatamente na relação de "soberanos pela graça de Deus" para "a soberania do povo"; de forma que os dois primeiros termos do paralelo estão numa natural aliança.

Demopheles. Oh, não adote esse tom! Está de mãos dadas com a oclocracia e anarquia, o arquiinimigo de toda a ordem legislativa, toda civilização e toda humanidade.

Philalethes. É verdade. Foi apenas um sofisma, algo que o mestre de esgrima chama de finta. Retrato-me por isso. Mas percebo como disputas às vezes fazem um homem honesto tornar-se injusto e malicioso. Paremos.

Demopheles. Não posso deixar de lamentar pelo fato de que, depois de todo esse esforço, não alterei sua disposição em relação à religião. Por outro lado, posso lhe assegurar que tudo que disse não abalou minha convicção em seu elevado valor e necessidade.

Philalethes. Creio plenamente em suas palavras; como podemos ler em Hudibras:

Um homem convencido contra sua vontade

Ainda acredita na mesma verdade.

[A man convinced against his will

Is of the same opinion still.]

Meu consolo é que, diferentemente da controvérsia e de beber água mineral, os efeitos posteriores são os verdadeiros.

Demopheles. Bem, espero que sejam benéficos no seu caso.

Philalethes. Talvez sim, se fosse capaz de digerir um certo provérbio espanhol.

Demopheles. Que é?

Philalethes. *Por detrás da cruz está o diabo*.

Demopheles. Vamos, não terminemos com sarcasmos. Em vez disso, admitamos que a religião, como Janus, ou melhor, como Yama, o deus brâmane da morte, tem duas faces, uma amigável e a outra sombria. Cada um de nós manteve o olhar fixo em apenas uma delas.

Philalethes. Está correto, velho amigo.

Notas do tradutor

A presente tradução de *Religião: um diálogo* de Arthur Schopenhauer teve como fonte *Religion: a dialogue, and other essays; translation of selections from Parerga und Paralipomena* por T. Bailey Saunders. Seu objetivo não consiste em proporcionar uma tradução técnica, mas informal, num esforço de popularizar escritos intelectualmente edificantes na língua portuguesa.

1 – Dizer que alguém "está sob a espada de Dâmocles" significa que, a qualquer momento, algo de muito ruim pode acontecer.

2 – *News from the Kingdom of God* era uma publicação missionária anual cuja edição número 40 data de 1856.